

ECOS

da Companhia



VIDA ESPIRITUAL, DESAFIOS, ATUALIDADE, HISTÓRIA

BOLETIM BIMESTRAL DAS FILHAS DA CARIDADE
DE SÃO VICENTE DE PAULO

140, RUE DU BAC – 75007 – PARIS

Diagramação:

SETOR DE DESIGN - PROVÍNCIA DE CURITIBA

Impressão:

ICQ GRÁFICA E EDITORA LTDA - CURITIBA/PR

JULHO
AGOSTO
2021
Nº4



**A audácia
da santidade
para
um novo elã
missionário**

Sumário

Vida espiritual

- 194 Carta de 15 de agosto de 2021
Irmã Françoise Petit, Superiora geral
- 199 A fraternidade na vida comunitária
Perspectivas
Padre Javier Alvarez, Vigário geral

Maria, modelo de humildade

"O segredo de Maria é a humildade...
Maria é "a serva do Senhor",
nada mais diz sobre si,
nada busca para si.

Hoje, então, podemos perguntar-nos...:
Como estou em humildade?

Procuro ser reconhecido pelos outros,
afirmar-me e ser elogiado,
ou penso em servir?

Será que sei ouvir, como Maria,
ou só quero falar
e receber atenções?

Será que sei ficar em silêncio, como Maria,
ou estou sempre a tagarelar?

Sei retroceder,
desanuviar contendas e argumentos,
ou procuro apenas sobressair sempre?

Papa Francisco, Ângelus, 15 de agosto de 2021

Atualidades das Províncias

Testemunho das Irmãs

- 210 Província Santa Elizabeth Ann Seton (Estados Unidos)
“Vede como se amam”
Comunidade “São Vicente de Paulo” em Phoenix, Arizona
- 213 Província de Fortaleza (Brasil)
Casa da Criança Irmã Marcillac
Irmãs da Casa da Criança Irmã Marcillac
- 214 Província do Vietnã
A mística do “viver juntas”
Irmãs da Comunidade Mai Phuc (Phuoc Minh)
- 218 Província da América Central (Salvador)
Experiência da fraternidade em Ahuachapan
Comunidade “Hogar de la Nina San José”
Irmãs da Comunidade Hogar de la Nina San José

História da Companhia

- 221 Santa Elizabeth Ann Seton,
Seu projeto de vida
Irmã Betty Ann McNeil, Filha da Caridade
- 237 Luísa de Marillac e São José
Irmã Carmen Urrizburu, Filha da Caridade



Carta de 15 de agosto de 2021

Queridas Irmãs,

Vida
Espiritual

“Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Com um grande grito, exclamou: ‘Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!’ Como posso merecer que a mãe do meu Senhor me venha visitar?... Bem-aventurada aquela que acreditou, porque será cumprido o que o Senhor lhe prometeu” (Lc 1, 41b-43,45).

Por esta afetuosa e convicta saudação, Isabel faz um verdadeiro ato de fé. Pela ação do Espírito Santo, ela reconhece em Maria, a Mãe do Filho de Deus, aquela que acreditou.

O acontecimento da Assunção convida-nos a ter esta mesma fé para celebrar a entrada de Maria na glória de Deus; ela que foi a primeira a entrar após seu Filho. É uma ocasião para visitar a sua vida, como fazemos quando alguém próximo nos deixa: Maria, jovem de Nazaré, Maria aos pés da cruz, Maria testemunha da Ressurreição, Maria finalmente elevada ao céu. Por uma graça recebida de Deus, ela foi sempre dócil ao Espírito, o que lhe confere este lugar único e especial na Igreja e na nossa vida. Reconhecemos Maria como mestra de vida espiritual, aquela *“que escuta e acolhe a Palavra de Deus”* (C. 23).

Hoje, ela nos acompanha no caminho, no qual estamos e continuaremos no dia da nossa morte, porque somos peregrinos na terra em direção ao céu.

Escutemos um jovem de treze anos, Tanguy, que estava no fim de sua vida, e dizia aos seus pais: *“Não existem duas vidas, uma na terra e outra no céu. Existe apenas uma. É a mesma”*.

A simplicidade deste testemunho pode nos iluminar para melhor acolher a mensagem de esperança pronunciada neste dia da Assunção. De fato, é um convite para elevar o nosso olhar em direção ao horizonte, para nos abirmos ao Totalmente Outro e a todos os outros incessantemente, para ousarmos considerar cada passagem como uma porta aberta, a fim de continuar a viagem. Pensemos em todas as portas pelas quais tivemos que passar e estejamos prontas para atravessar aquelas que, inevitavelmente, surgirão durante os acontecimentos, etapas e encontros os quais viveremos. Tantas portas, tantos apelos, tantas respostas...

“Hoje se abriu a porta do paraíso: Maria é elevada ao céu, alegrem-se os coros dos anjos” (Antífona do Evangelho do dia).

Maria nos conduz, ela que contempla o seu Filho face a face por toda a eternidade e que se uniu a Ele na glória. Esta é uma mensagem de esperança para o mundo e para nós mesmas, uma luz neste tempo de provação e de incertezas, por que: *“A vida eterna será uma maravilha compartilhada, onde cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados”* (Laudato si, nº 243).

Nestes últimos dezoito meses, o mundo vive ao ritmo do covid-19, e tornou-se dependente desta pandemia que ainda não terminou. Todas nós, temos constatado as repercussões sociais, econômicas, psicológicas. Somos testemunhas de que a pobreza cresceu, que as desigualdades aumentaram e que o desespero se apoderou de muitas famílias. A fragilidade humana tornou-se visível e surge como uma evidência. Com a humanidade inteira, constatamos este fato em nossa pele. As suas mensagens testemunham isto diariamente. Todas ouviram os apelos e se empenharam a respondê-los, por

vezes arriscando a própria vida. Hoje, eu penso particularmente na Irmã Angèle, Filha da Caridade do Líbano, que teve a iniciativa de construir um serviço dedicado especialmente aos doentes do covid-19 e que, algumas semanas após a sua abertura, faleceu contaminada pelo vírus. Outros nomes poderiam ser mencionados. É a audácia da caridade, Ephata! Sair porta a fora... ir para... encontrar. Esta é a nossa vocação, doarmos-nos até o fim. Apresentemos ao Senhor, todas estas Irmãs, testemunhas da caridade.

Outra evidência revelada com vigor: dependemos uns dos outros, ou melhor, somos responsáveis uns pelos outros, ninguém se salvará sozinho, nem mesmo um país.

A solidariedade se fundamenta, entre outras, no “tudo está interligado”, uma expressão do Papa Francisco que se tornou familiar. Somos chamadas a aprofundá-la, a tirar as conclusões pessoais e comunitárias, através da partilha interprovincial ou das Irmãs que são disponíveis e aceitam deixar a sua Província, quando chamadas. Partilhar...

Eis um exemplo recente: as duas Províncias dos Estados Unidos uniram forças e entusiasmo para realizar com maior eficácia o serviço aos migrantes em El Paso no Texas, na fronteira entre Estados Unidos e México. Rezemos pelas Irmãs que irão chegar nesta Comunidade interprovincial, ainda neste mês de agosto, “*preocupadas em partilhar a vida dos pobres*” (C. 30b).

A consciência que temos de pertencer a um mesmo corpo é forte na Companhia, porém, a situação atual nos convida a viver cada vez mais a comunhão e a partilha na confiança, sabendo que a Providência jamais nos faltará. Nossos Fundadores, muitas vezes, nos disseram: “*Aprendeí, minhas Filhas, a não confiardes nas vossas próprias forças e saber, mas ponde toda a vossa confiança em Deus*” (SV. conf. de 9 de junho de 1658, p. 782).

Neste dia, como Igreja, celebramos a fé e a esperança que habitam em nós e que desejamos ver sempre crescer. Em todo o mundo, esta festa é a oportunidade de grandes encontros, alegres e orantes. O fervor popular testemunha a confiança na intercessão da Mãe do Filho de Deus. Deixemo-nos conduzir pelo povo de Deus, olhemos para o horizonte, acreditemos que

a esperança assume formas em todas as ações de hoje, em nossos gestos de generosidade e fraternidade. Tenhamos mais fé: *“Oh! Como devemos esperar em Deus e colocar nele a nossa confiança”* (Obras completas, SV XI, 456). Este é o convite de Maria para nós.

Peçamos-lhe que interceda por nós junto ao seu Filho. Que Ele seja o nosso sustentáculo, a fim de vivermos juntas na fé e na esperança nossa vocação de mulheres doadas a Deus. *“Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós”*.

Para finalizar, eis aqui algumas informações:

Até o momento presente, é provável que nossa Assembleia geral aconteça nas datas previstas, ou seja, de 29 de outubro a 21 de novembro. Tudo está pronto, resta-nos esperar com alegria a chegada de todos os membros. Desde agora, nós as convidamos a rezar ao Espírito Santo e de maneira mais intensa no início do retiro, que começará no dia 19 de outubro às 20h15 (horário de Paris). Que o Espírito Santo seja o guia deste encontro. Que cada uma se prepare para abrir-se ao que o Senhor espera da Companhia e que o Ephata se concretize em orientações audaciosas e práticas possíveis!

Outra informação é concernente à Instrução sobre os votos. Após vários anos de trabalho de diversas equipes sucessivas, as quais agradeço calorosamente, um novo documento foi elaborado. Refere-se ao Guia chamado: *“Preparar-se para os votos”*, que irão receber em breve. Deixos descobri-lo, desejando que ele permita às Irmãs jovens uma adequada preparação para os votos e que as comunidades que as acolhem e as formadoras possam acompanhá-las da melhor maneira possível.

Enfim, uma última comunicação em relação a ONU. Em 2013, Irmã Catherine Prendergast (Província da Irlanda) foi nomeada representante das Filhas da Caridade na ONU em Nova Iorque. Em 2015, a Irmã Margaret O’dwyer (Província de Santa Luísa-EUA) uniu-se a ela. Em 2019, Irmã Catherine chegou ao escritório da ONU em Genebra para substituir a Irmã Monique Javouhey. Recentemente, Irmã Michelle Loisel (Província Santa Luísa-EUA) foi nomeada para o escritório de Nova Iorque e a Irmã Francesca Edet (Província de Rosalie Rendu, antiga Visitadora da Nigéria) para o

Carta de 15 de agosto de 2021

escritório de Genebra. Elas progressivamente conhecerão o funcionamento da missão que irão desempenhar na ONU em nome da Companhia. Agradeço a estas Irmãs pela missão ao serviço da justiça e da solidariedade.

Nestes últimos dias, recebi numerosos votos de boas festas. Gostaria de agradecer-lhes de todo coração, como também por todas as missas celebradas nas minhas intenções e na da Companhia.

Maria nos acompanhe! Que a seu exemplo, conservemos os olhos fixos em Jesus Cristo e coloquemos a Palavra em prática! Rezemos umas pelas outras. Feliz festa!

Irmã Françoise PETIT
Filha da Caridade

Errata no Eco da Companhia nº 3 p. 145,
referente a designação das Visitadoras
PROVÍNCIA DA INDONÉSIA
Irmã Luísa Kristiana INDRAYANTI
foi designada Visitadora, em 20 de janeiro de 2021.

A fraternidade na vida comunitária

Perspectivas

O artigo 81 das Constituições afirma que a Companhia se torna realidade através de cada Comunidade local. Podemos ver a Companhia como a imagem de um grande poliedro com tantas faces quantas as comunidades locais. Em cada uma delas, repousa toda a Companhia da mesma forma que cada face do poliedro. Tudo isso nos indica que a Companhia é um *todo*, um “*corpo*”, uma “*família*”, como gostava de dizer São Vicente¹. Cada comunidade é uma célula deste ser vivo.

MUDANÇA NO ECOSISTEMA COMUNITÁRIO NO QUE DIZ RESPEITO À FRATERNIDADE

Convido-as a fazer o seguinte exercício mental: compare uma comunidade local atual com uma comunidade dos anos de 1950 e 1960. Imediatamente perceberemos a grande mudança que aconteceu no estilo de vida, nas relações interpessoais, na flexibilidade dos horários e vários outros detalhes.

1–Algumas razões que provocaram mudanças na Comunidade

- A primeira razão é a da compreensão da autoridade de uma maneira mais evangélica, a partir das imagens bíblicas do servo, do administrador fiel (que não tem autoridade própria) e do pastor que conhece e dá a vida por suas ovelhas. Estas páginas inspiram um novo estilo de autoridade na qual o diálogo se torna fundamental como meio indispensável para discernir a vontade de Deus e criar um ambiente fraterno nas Comunidades².

¹ Cf. SV, conf. de 26 de abril de 1643, p.63

² *Perfectae Caritatis*, 14; *O serviço da autoridade e a obediência*, 20 d, e, f.

- A segunda razão que contribui, consideravelmente, para as mudanças nas comunidades locais, é a maneira de viver no mundo marcado por informações: televisão, computadores, internet, WhatsApp, Facebook, Instagram, etc. Com outros meios de comunicação modernos os ambientes atuais das Comunidades são bem diferentes daqueles de sete ou oito décadas atrás, quando o silêncio, a leitura a mesa e o fato de se retirar muito cedo para o quarto eram fatores importantes na vida comunitária.

Sem dúvida, todos esses meios de comunicação são uma grande ajuda para a nossa vida e missão, mas, ao mesmo tempo eles podem se tornar uma tentação para o isolamento e o individualismo. É necessário ou, pelo menos desejável, ter formação nestes meios modernos para utilizá-los de forma inteligente, caso contrário podem criar problemas de dependência e isolamento.

- Uma terceira razão, e não menor, é a nossa maneira atual de compreender o conceito de Comunidade. A C. 32 diz: *“Chamadas e reunidas por Deus, as Filhas da Caridade vivem a vida fraterna em comum em vista da missão específica de serviço”*. Em outras palavras, o serviço é o eixo estruturante que dá sentido e fundamentação à Comunidade na Companhia.

Dado que, atualmente, os serviços na Companhia são múltiplos e a situação das Comunidades é bem diferente, isto significa que as estruturas estabelecidas para todas as Comunidades não são suficientes para levar a sério o princípio de que *“a comunidade é para a missão/o serviço”*. Por isso, no contexto geral das Constituições e Estatutos, cada Comunidade é chamada a criar suas próprias estruturas, de acordo com as circunstâncias nas quais a comunidade em questão está inserida. Este é o sentido profundo do Projeto comunitário, necessário para adaptar a missão à comunidade concreta³. Temos aqui uma grande mudança que atinge fortemente as Comunidades locais da Companhia (segundo as Constituições e Estatutos). Existem, também, outras estruturas de acordo com cada comunidade, resultando numa grande diversidade de comunidades locais, que deve se refletir nos diferentes Projetos comunitários. Evidentemente, para que o Projeto comunitário seja um instrumento válido, deve haver uma boa dose de criatividade e responsabilidade em cada Irmã da comunidade.

2 – O perigo do individualismo

No ecossistema comunitário atual, existem também algumas dificuldades que afetam, de maneira importante, a fraternidade. Uma das

³ Cf. C. 35a, 83 et E. 3c, 4, 60b, 67

maiores é a que chamamos de individualismo, certamente mais forte nos nossos dias que no tempo de São Vicente. Hoje, no nosso mundo as expressões como: liberdade, pluralismo, realização pessoal, respeito pela pessoa... são valores apreciados. No entanto, quando estes valores não são bem compreendidos na comunidade, acabam por se tornar uma cultura individualista, que também contamina a vida comunitária.

O individualismo impede a combinação harmoniosa de projetos pessoais e comunitários, porque os projetos pessoais acabam sempre por ter precedência sobre os projetos comunitários e provinciais (cf. documento "*O Serviço da Autoridade e a Obediência*", nº 3). Este mesmo número afirma que a influência cultural é um fator que facilita o aparecimento desta mentalidade. A busca da realização pessoal e do bem-estar a todo custo são outras manifestações que apontam para a mesma realidade. Além disso, hoje em dia, o individualismo pode ter nomes muito bonitos, tais como carismas particulares, peculiaridades culturais ou desenvolvimentos pessoais, e por isso a confusão pode ser ainda maior. Cabe à autoridade discernir onde se encontram os limites entre a diversidade legítima e o individualismo que anula a vida comunitária e enfraquece o sentido de pertença. Evidentemente, cabe à autoridade insistir e recordar o significado da missão comum, como sem dúvida faria São Vicente se ele vivesse em nossa época.

O desafio lançado pela cultura do individualismo no nosso modo de vida comunitário exige uma compreensão mais teológica e evangélica da comunidade. Como os apóstolos, Jesus nos chama para "*estar com Ele e nos enviar em missão*"⁴. A Comunidade para a missão significa sentir-se unidas para uma missão comum, viver o diálogo e o discernimento, abrir-se ao seu ambiente, ter estruturas flexíveis que favoreçam a disponibilidade para a missão. Reforçar a missão, sublinhando a sua importância, envolvendo todos os que nela participam, é sinónimo de contrariar ou anular mais eficazmente o individualismo que está tão presente no mundo e na Igreja.

3 – Desafios próprios ao novo ecossistema comunitário

Para concluir esta primeira reflexão, é necessário destacar alguns dos desafios que a comunidade deve enfrentar hoje em dia⁵. Em primeiro lugar, parece necessário crescer na prática do princípio da corresponsabilidade. Este

⁴ Cf. Mc 3, 13-15

⁵ Wittgenstein, o famoso filósofo da linguagem, disse que não devíamos falar de problemas, mas sim de desafios e possibilidades. Os problemas nos paralisam e os desafios dinamizam porque para ele a linguagem carrega um peso psicológico muito forte. A linguagem nunca é neutra.

é um princípio que está bem desenvolvido nas Constituições. No entanto, este princípio não funciona enquanto não for efetivo para todas as Irmãs. A corresponsabilidade é marcada pelo grau de maturidade ou imaturidade comunitária das Irmãs. Ela se realiza pela "construção da comunidade" e não pela "comunidade consumidora".

Outro importante desafio que a vida fraterna em comum enfrenta é o de integrar harmoniosamente os valores da cultura atual, aqueles aos quais as Irmãs são sensíveis, como a liberdade, o respeito pela pessoa, a igualdade, etc., com as exigências da vida comunitária, como a obediência, a renúncia, o Projeto comunitário e a participação na missão da comunidade. Este é um equilíbrio sempre difícil de adquirir. O equilíbrio pode facilmente inclinar-se para um dos dois extremos: seja ignorar os valores atuais da cultura global ou se deixar invadir por eles. A solução está no centro porque significa que a comunidade local se configura de acordo com a "fidelidade criativa".

A exortação apostólica *Vita Consecrata* enumera outros desafios que se apresentam nas diversas etapas do caminho da vocação e que, logicamente, se vive no centro da comunidade. Durante os primeiros anos de vocação, existe o desafio da passagem de uma vida guiada e sob vigilância, a uma vida plena de responsabilidades operacionais. No período da maturidade vocacional, os perigos podem ser o risco da rotina e do desânimo face aos grandes esforços e poucos resultados. O desafio é estar consciente da realidade e procurar compreender o significado do que está acontecendo. Na velhice, o perigo e o desafio residem no pessimismo da cessação das atividades profissionais e nas limitações físicas que inevitavelmente aparecem gradativamente⁶. Os programas de formação contínua devem responder aos desafios da vocação, tanto pessoal como comunitária, que surgem em todas as etapas.

PILARES COMUNITÁRIOS DE ONTEM E DE HOJE

1 – A fé é mais forte que a psicologia

A comunidade é antes de tudo uma realidade que só pode ser compreendida e vivida pela fé. Na comunidade existe o amor de Deus Pai, o próprio Deus quem nos chamou e convocou à unidade em torno do mesmo carisma e da mesma fraternidade evangélica que se expressa pelo "nós". Somos assim "imagens da Trindade", mistério ao qual São Vicente se

referiu quando falou da comunidade⁷, a exemplo de Jesus Cristo com os seus apóstolos e as primeiras comunidades cristãs.

Tenhamos em mente que Deus é o fundamento da comunidade; se não o for, o ponto de vista psicológico ocupará o primeiro lugar ("*acolho este que me parece simpático, mas não aquele outro*"), ou o espírito mercantil ("*este me fez um favor, mas não o outro*"). Vicente de Paulo insiste muito no fato de que é o próprio Deus que nos chama e nos reúne em comunidade. Se a comunidade não está consciente de que Deus é o seu fundamento, então "os demônios" chegam: divisões, inveja, ciúmes, ressentimento...

Evidentemente, o olhar de fé não resolve todas as dificuldades que podem ser encontradas na construção da vida comunitária. Contudo, permite que as Filhas da Caridade enfrentem os problemas de forma evangélica, com caridade, compreensão, paciência, coragem, sabendo perdoar e pedir perdão.

2 – As primeiras comunidades cristãs iluminam as comunidades atuais

São Vicente gostaria que, para a Congregação da Missão e para a Companhia das Filhas da Caridade, a vida comunitária se assemelhasse à das comunidades descritas nos Atos dos Apóstolos. A análise do texto dos Atos dos apóstolos, capítulo 2, versículos 42-44, revela que, dentro destas comunidades, havia três níveis de partilha fraterna:

- partilha material: "*Todos os cristãos viviam juntos e tinham tudo em comum*" ;
- afeto mútuo: "*Eram de um só coração e uma só alma*" ;
- partilha espiritual: "*Eram assíduos nos ensinamentos dos Apóstolos e na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações*".

São Vicente viu isto como exemplo: união fraterna, partilha dos bens com os mais necessitados, oração partilhada e atenção aos ensinamentos dos apóstolos. "*Que felicidade para a Missão poder imitar os primeiros cristãos, viver como eles em comum e em pobreza*"⁸.

⁷ Obras Completas, São Vicente de Paulo: correspondência, colóquios, documentos. Tomo VI organizado por Pierre Coste, tradução de Getúlio Mota Grossi - Belo Horizonte: Editora O lutador, 2016. p. 86. Carta 2129, A Antônio Durand, Superior, em Agde. As futuras referências a esta obra serão indicadas utilizando o nome, Obras Completas seguidas das iniciais SV, do número do volume, depois do número de página, por exemplo: Obras Completas, SV VI, 86. Ver também: Obras Completas SV XII, 253-254 e 275-276

⁸ Obras Completas SV XI, 232

Para Vicente, sem estes fundamentos espirituais, sem motivação teológica, sem esta mística, a vida comunitária naufraga. Não é suficiente querer servir e evangelizar para viver em comunidade, deve haver razões profundas para viver juntas.

Quantas vezes, devido às diferenças de mentalidade, de caráter, de diferenças pastorais, de conflitos nas relações interpessoais..., seríamos muito mais eficazes servindo e evangelizando sozinhos ou formando uma equipe de trabalho especializada e complementar. Contudo, uma comunidade vicentina é bem mais que uma equipe de trabalho ou uma cooperativa, onde são partilhados trabalhos e bens; trata-se de um espaço teologal, um “ícone” da Trindade.

3 – Ícone da Santíssima Trindade (cf. C. 32a)

São Vicente e as Constituições⁹ apresentam o mistério da Santíssima Trindade como fundamento da comunidade. Com este ícone, São Vicente destaca três pontos:

a) Igualdade entre os membros da comunidade

As funções e os trabalhos são distintos, mas todos os membros são iguais em dignidade e direitos. Isto requer a sua expressão externa. Por exemplo, Vicente pedia com urgência a igualdade dentro da comunidade para que as pessoas externas não conseguissem distinguir quem era a autoridade na comunidade¹⁰. *“Não sou da opinião de uma pessoa que me dizia, dias atrás, que, para bem conduzir e manter a própria autoridade era necessário mostrar-se como sendo o superior. Ó meu Deus! Nosso Senhor Jesus Cristo não falou assim. Ensinou-nos justamente o contrário, por palavras e exemplo. Disse-nos que viera não para ser servido, mas para servir aos outros, e que aquele que quiser ser o mestre, deve ser o servo de todos”*¹¹.

b) A comunicação entre os membros da comunidade¹² e a coordenação dos serviços

Ninguém na comunidade pode ser desinteressado pelo trabalho e pela vida dos outros. *“Firmemo-nos nesse espírito, se quisermos ter em nós a imagem da adorável Trindade, se quisermos ter uma santa semelhança com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo. O que é que opera a unidade e*

⁹ C. 32 e C. 2

¹⁰ Obras Completas, SV VI, 86-87

¹¹ Obras Completas, SV XI, 354-355

¹² Obras Completas, SV XII, 275-276

*a pluralidade uniforme em Deus senão a igualdade e a distinção das três pessoas? E o que o seu amor engendra senão a sua semelhança?”*¹³. Hoje em dia, traduzimos distinção e semelhança em unidade na diversidade. Esta reflexão nos adverte a prestar atenção a uma excessiva divisão do trabalho, uma vez que isto não é necessariamente um sinal de boa organização. Pode esconder um desejo de independência e de posse.

c) A missão da comunidade

A Santíssima Trindade é também este amor que anima a missão da comunidade. Toda atividade apostólica procede do amor de Deus que habita em nós, caso contrário, a atividade torna-se “ativismo”.

PRINCIPAL GERADOR DE FRATERNIDADE

As Constituições fazem referência ao diálogo e à comunicação¹⁴. A psicologia demonstrou a relação profunda que existe entre o desenvolvimento da pessoa e o diálogo. Ninguém vem ao mundo para ser uma ilha deserta, ninguém pode se realizar sozinho nem viver como se não precisasse dos outros ou que os outros não precisassem dele. Esta convicção é o fundamento da necessidade da comunicação.

Se aplicarmos isso à vida comunitária, devemos concluir que não há comunidade se não existe diálogo nem comunicação entre as pessoas que a compõem. Isto é apenas uma ilusão de comunidade (cf. documento sobre *a Vida Fraternal em Comunidade*, 29-34). A fim de renovar a vida comunitária, é indispensável alargar e intensificar a comunicação. Para nos reconhecermos como irmãos, temos de nos conhecer, e para nos conhecermos é preciso haver comunicação entre nós. A comunicação cria relações mais estreitas, alimenta o espírito de família e de pertença ao grupo e favorece a participação e a corresponsabilidade na missão comum. A falta de comunicação ou o fato de estar limitada a assuntos sem importância aumenta o individualismo, a falta de sensibilidade aos outros, o anonimato, o isolamento e a solidão. E, como precisamos dos outros, arriscamo-nos a procurar fora da comunidade o que nela não encontramos.

1 - A comunicação e o diálogo não são uma moda nem algo estranho para a Companhia

Recordemos a maneira de fazer de São Vicente de Paulo com as primeiras Irmãs e os primeiros Missionários. Com que naturalidade,

¹³ Obras Completas SV XII, 261

¹⁴ Cf. C. 36b

simplicidade e profundidade cada um partilhava durante as conferências ou as partilhas de oração e, para todos era uma ocasião de agradecer ou de pedir perdão pelos seus erros.

Ninguém pode duvidar do fato de que uma comunidade se constrói com base na caridade e “*o diálogo é o novo nome da caridade*” dizia o Papa Paulo VI. O documento sobre a “Vida Fraterna em Comunidade” acrescenta que “*Sem diálogo e escuta, há sempre o risco de levar vidas justapostas ou paralelas, o que está bem longe do ideal de fraternidade*” (nº 32). A exortação Apostólica *Vita Consecrata* diz que as pessoas consagradas são chamadas a colocar tudo em comum: “*bens materiais e experiências espirituais, talentos e inspirações, como também ideais apostólicos e serviço caritativo*”¹⁵.

Não é suficiente estar convencidas da necessidade de diálogo, de se relacionar, de partilhar, é necessário que cada uma dê e receba para que o diálogo e as relações comunitárias sejam humanizantes, até mesmo curativas.

Para um diálogo construtivo é preciso desenvolver **as seguintes atitudes**:

- **confiança**: só podemos nos abrir aos outros se neles confiarmos;
- **humildade**: para reconhecer que ninguém possui toda a verdade. A humildade é sempre uma vantagem; definitivamente, é o que mais importa na vida comunitária.
- **benevolência**: para evitar julgamentos precipitados, que são quase sempre errados, e perceber a situação particular de cada pessoa.
- **simplicidade**: para tornar as relações transparentes e serenas.

Há também formas e métodos que podem ajudar a favorecer o diálogo e a relação. O método a utilizar depende do tipo de intercâmbio: organização e avaliação de um projeto; partilha de oração ou de uma experiência espiritual; revisão de vida, reflexão apostólica... Cada encontro requer o seu próprio método. Ocasionalmente, uma comunidade local ou provincial pode convidar um perito em dinâmica de grupo para aprender a arte da comunicação fraterna.

2 – Os diferentes níveis de partilha

A partilha em uma comunidade de Filhas da Caridade engloba os três níveis descritos acima: os bens materiais, a amizade fraterna e os bens espirituais. Viver em comunhão significa colocar os dons de cada um em comum. Cada um dá e recebe. Este tipo de partilha é básica em uma comunidade de vida consagrada: os membros não estão juntos por afinidades psicológicas, ideológicas, profissionais, nem por critérios de língua ou de raça... Mas, por

Aquele que os chama a uma vida de fé, a um projeto evangélico comum, a crescer em santidade apoiando-se mutuamente.

Nas comunidades de vida consagrada, a partilha dos bens materiais e de amizade fraterna conduz a partilha dos dons do Espírito, dos bens espirituais. Se não alcançarmos este terceiro nível, os dois anteriores tornam-se inatingíveis com o tempo. Estes bens espirituais a serem partilhados são: a Eucaristia, a oração, a Palavra de Deus, a missão, a vida de fé. Quando estes bens espirituais são vividos autenticamente e partilhados, então é possível na comunidade ter um só coração e uma só alma. Quando não se sente a necessidade de partilhar estes dons do Espírito, a comunidade torna-se rotineira, sem profundidade, desmorona-se, perdendo as verdadeiras razões da sua existência.

ALGUNS MOMENTOS FUNDAMENTAIS PARA CRESCER NA FRATERNIDADE COMUNITÁRIA¹⁶

1 – O serviço ou o apostolado

A Companhia é uma Sociedade de Vida Apostólica. Isto significa que o serviço-apostolado faz parte da comunidade; como diz a C. 32a, a comunidade é para a missão. Consequentemente, o serviço apostólico é uma das fontes de santificação para as Filhas da Caridade. O que isto implica?

1 - As Irmãs têm direito a um serviço, adaptado às suas possibilidades, uma vez que para elas é uma fonte de santificação, tão importante quanto a vida espiritual. A autoridade, seja a Visitadora ou a Irmã Servente, tem a responsabilidade de discernir o que cada Irmã pode fazer.

2 - Dedicar atenção ao serviço apostólico significa também permitir às Irmãs de partilhar regularmente o que elas vivem nos seus diferentes serviços: alegrias, tristezas, esperanças e medos, descobertas, interrogações e desafios a enfrentar. O clima comunitário deve ser propício para expressar a solidariedade no serviço. No final de um dia, será que as Irmãs sabem partilhar o que experimentaram, os desafios que enfrentaram nos seus diferentes serviços, mas também escutar as outras Irmãs se expressarem? O interesse comum no serviço realizado por cada Irmã na comunidade local tem uma extraordinária força unificadora.

Quando a situação o exige, não é paradoxal que uma Irmã Servente, com a sua comunidade, questione a missão da Casa ou um serviço concreto da

¹⁶ Para desenvolver esta parte, eu me inspirei no capítulo IV do documento da Congregação da Missão, *Guia Prático do Superior local*, Roma 2003 p. 2003, p. 221-226

obra ou da Comunidade. Evidentemente, esta reflexão deve ser partilhada com a Visitadora para que ela e o seu Conselho possam discernir se este trabalho ou este serviço da comunidade está ou não em conformidade com o objetivo da Companhia e as orientações do Projeto provincial. Depois é preciso tomar as decisões necessárias.

2 – A oração

Quando a oração está no centro da vida cristã, ela está também no centro da vida comunitária. Os artigos de 19 a 23 das Constituições expressam as principais práticas de oração: Eucaristia, Liturgia das Horas, oração em comum.

A Irmã Servente, de acordo com as Irmãs da comunidade organiza o tempo e a maneira de rezar em comum. Na medida do possível, é desejável ser criativa para ajudar as Irmãs a terem uma vida de oração mais profunda. A rotina pode ser também prejudicial como o cupim na madeira dos móveis.

São Vicente dizia: *“É necessária a vida interior, é preciso tender para ela. Se faltarmos a isso, faltaremos a tudo”* (Obras Completas SV XII, p. 133). Independente do tamanho da comunidade, todas as Irmãs devem estar comprometidas ativamente com a oração. Mesmo se a maneira de rezar numa pequena comunidade seja diferente de uma grande, é importante rezar juntas porque a oração em comum constrói a fraternidade.

3 – As refeições

Algumas Filhas da Caridade não apreciam muito este tempo comunitário. Notei que algumas tinham um olho voltado para a mesa e outro para a máquina de lavar louça. No entanto, as refeições são momentos privilegiados para se ouvirem mutuamente, para falar, para partilhar informações, para experimentar uma real comunicação. Pensemos, por exemplo, na importância que tem hoje em dia as "horas de refeições no trabalho" para muitos funcionários. As refeições, tomadas às pressas com pouca conversa, perdem a sua dimensão humana e tornam-se apenas um tempo para consumir alimentos. Pelo contrário, as refeições são um espaço, durante o dia, de partilha entre as Irmãs.

A escuta atenta é fundamental na conversa durante as refeições. Interessar-se pelo nosso passado, pela nossa história, pelos nossos sonhos, é uma forma de viver o novo mandamento do amor. Por vezes, é frustrante não poder contar uma história interessante porque ninguém quer ouvi-la!

4 – Os encontros, as reuniões

Um certo “especialista vicentino” disse que as múltiplas reuniões quotidianas, semanais ou mensais, as quais devemos participar são uma maneira moderna de viver a virtude da mortificação.

As reuniões e os encontros são importantes na vida comunitária porque eles constroem a comunidade. Todas as Irmãs devem se sentir responsáveis por partilhar seus valores e respeitar as decisões tomadas, cada uma deve participar ativamente com o seu temperamento, mais ou menos tagarela, porém o fundamental é ser livre para falar e isto é um sinal da vitalidade da comunidade.

Para as decisões de uma casa - comunidade - trabalho é essencial que todas as Irmãs participem ativamente, tanto quanto possível, porque o discernimento será enriquecido e será uma experiência construtiva para a comunidade. Neste sentido, é pretendido o princípio da "corresponsabilidade". Sabemos que a palavra final pertence à autoridade competente (local, provincial ou geral), mas tudo o que a antecede compete às Irmãs.

5 – O lazer

Os momentos de lazer são também importantes na comunidade. O bom estado de espírito e o humor promovem a harmonia e nos ajudam a não nos levar demasiadamente a sério. Se é importante que a comunidade trabalhe em conjunto, é igualmente importante que ela descanse e se descontraia de vez em quando. Isto nos faz descobrir outros aspectos da personalidade das nossas Irmãs.

São Vicente convidava frequentemente Santa Luísa a ser menos séria com as primeiras Irmãs. Para ele, a Madame Goussault foi um exemplo de bom humor. É desta forma que, algumas vezes, ele falou a respeito dela à Santa Luísa. Certamente, cabe a todas as Irmãs da comunidade criar um clima de confiança e de alegria. Desta forma, tudo ficará melhor!

Padre Javier ÁLVAREZ, CM
Vigário geral



Província Santa Elizabeth Ann Seton (Estados Unidos)

“Vede como eles se amam”

Atualidades da Província

Em julho de 2020, a nossa comunidade local em Phoenix, Arizona, passou de três para cinco membros! Nossa missão se desenvolve numa Escola de Ensino Fundamental: uma Irmã é a diretora e a outra, que está se aposentando, é voluntária na biblioteca. Uma Irmã foi transferida, depois, juntaram-se a nós duas outras como também uma pré-postulante (durante um ano). Uma delas vem de uma comunidade que fechou, ela estava ao serviço da missão carcerária e, não podendo mais ir visitar os prisioneiros devido à pandemia, ela continua a sua missão escrevendo-lhes cartas na pequena sala de estar, transformada num escritório. A segunda Irmã vem de uma cidade muito grande e agora ensina matemática na nossa escola. A pré-postulante, de origem mexicana, trabalha na escola como assistente dos alunos do Ensino Fundamental I e para o 6º ano, sendo bilingue, ela passa muito tempo com os professores para fazer traduções para o espanhol, uma vez que cerca de 95% das famílias são de origem latino-americana, principalmente do México.

Compartilhamos aqui, de modo simples, a graça de experimentar a "mística do viver juntas", e a maneira como vivemos estes últimos nove meses, que para nós foi uma graça, mas também, de muito esforço.

Graças a uma comunicação clara e aberta, motivada pelo amor e pela confiança, rapidamente tivemos a impressão que já nos conhecíamos e tínhamos vivido sempre juntas. A fraternidade é vivida através de mil pequenos detalhes da vida comunitária: por exemplo, temos um horário comunitário padrão, porém, devido às muitas mudanças nos nossos diferentes serviços, utilizamos um quadro branco para lembrar-nos, todos os dias, dos eventos e mudanças. A Irmã Servente escrevia os anúncios gerais e cada uma podia acrescentar outras informações. É encorajador ler entre idas e vindas: "Seja bem-vinda, querida Irmã!" ou "Boa viagem, Irmã!" ou "Fui às compras". Se alguém se esquecer de apagar o seu nome depois de escrever, por exemplo: "fui aos Correios" quando já são 20 horas, isso provoca risos e comentários engraçados, tais como: "A fila nos Correios devia está muito longa!" Fazemos as várias tarefas domésticas em conjunto, lavar louça, fazer a limpeza, compostagem, etc., em vez de as realizarmos por turnos semanais. Esta é uma oportunidade para conversar, brincar, por vezes até cantar, para acolher as capacidades e as limitações umas das outras. Claro que brincamos com a Irmã que recebe uma chamada telefônica enquanto lava a louça. Quando uma de nós sai para fazer compras, pergunta sempre: "Alguém precisa de alguma coisa?", uma forma de expressar o seu afeto, porque sempre tem alguém que não gosta de fazer compras. A Irmã que vive na Comunidade há 10 anos e tem prestado vários serviços, tanto dentro como fora da escola, está sem um serviço estável desde a pandemia. Ela se oferece sempre para nos ajudar e quando lhe pedimos um favor, ela responde sempre: "Estou muito feliz em poder ajudá-la"; por exemplo, ela ajuda muito a Irmã com a correspondência com os prisioneiros.

Entre nós, há uma grande diferença de idade, de vocação e mesmo de cultura com as nossas três nacionalidades. Abrir-se à diferença e tentar compreender melhor umas as outras é um grande desafio cotidiano.

Por causa da pandemia, a pré-postulante não pôde visitar a sua família no período do Natal. Apesar da tristeza e da decepção, ela se comprometeu plenamente na preparação da festa de Natal partilhando conosco suas tradições. A paróquia não pôde organizar as celebrações de fim de ano devido às medidas sanitárias, então decidimos festejar entre nós as "*posadas*" (devoção popular que consiste em ir de casa em casa a procura de uma "pousada" para Maria e José), levando as imagens de Maria e de José, parando diante das portas das casas para cantar e pedir abrigo, unindo-nos a todos os migrantes do mundo que estão em busca de um teto.

Testemunho das Irmãs

Para a refeição preparamos "*tamales*" (recheio numa massa de farinha de milho, envolvido em folhas de milho e cozido a vapor), a pré-postulante preparou "*Champurrado*", um chocolate quente espesso com canela mexicana - "*pan dulce*", um pão doce e uma "*piñata*" para a celebração das "posadas": a *piñata* é um objeto oco recheado com doces que pode ser representado de formas diferentes. Neste caso, era uma estrela de sete pontas, cada ponta simbolizando um dos sete pecados capitais. Quebrar as sete pontas da *piñata* para pegar os doces, representa a necessidade de romper com os pecados para fazer resplandecer o Bom e o Bem.

Um dia, o pai de um aluno nos trouxe alimentos não perecíveis bem embalados que tinha recebido no trabalho e que lhe foi autorizado doar. No dia seguinte distribuímos-os aos desabrigados. Desde então, todas as sextas-feiras à noite recolhemos alimentos não perecíveis e preparamos cestas básicas. No sábado de manhã, partimos com todos os pacotes para um bairro pobre com muitos moradores de rua. Distribuímos cerca de 25 pequenas cestas com uma garrafa de água, uma Medalha Milagrosa e um sorriso com palavras de bênçãos e encorajamento. Através desta iniciativa, encontramos também com os nossos irmãos na rua.

À noite, durante a refeição, partilhamos os nossos encontros com Deus nas pessoas, nos acontecimentos, nas alegrias, mas também nas contrariedades e dificuldades.

Aprendemos que nos ajudamos ainda mais quando ouvimos com atenção umas às outras sem julgamentos, ao invés de dar mil e um conselhos. Receber A ajuda dos outros é também uma bela forma de viver a fraternidade: "vede como eles se amam".

Comunidade "São Vicente de Paulo"
Phoenix, Arizona

Província de Fortaleza (Brasil)

Casa da Criança Irmã Marcillac

“...Vivei juntas, como tendo um só coração e uma só alma, de modo que, por essa união de espírito, sejais verdadeira imagem da unidade de Deus...” (Obras Completas, SV IV, p. 278, à Irmã Anne Hardemont, 30 de julho de 1651).

O nosso estabelecimento de ensino básico “Casa da Criança Irmã Marcillac” está situado no bairro São João do Tauape, em Fortaleza. Esta obra acolhe crianças desde a creche até o Ensino Fundamental I, oferecendo reforço escolar. O amor de Cristo nos reuniu para vivermos juntas em comunhão fraterna, amando-nos, respeitando-nos e ajudando-nos mutuamente *“com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças”* (Dt 6,5).

Viver a dinâmica do amor fraterno neste tempo de pandemia significa estar disponível às necessidades de nossas Irmãs, ir além das comodidades pessoais para viver na alegria e no amor mútuo, assumindo suas fraquezas, seus problemas e suas limitações e, animando bem a vida de oração. A pandemia causou muito sofrimento para as crianças, é preciso continuar garantindo os cuidados de base e de higiene. Graças ao projeto “Crescer com dignidade”, podemos socorrê-las em suas necessidades fundamentais, oferecendo-lhes cestas básicas com alimentos não perecíveis. Dessa forma, percebemos que devemos agir, mesmo com cautela, servindo aos pobres além do material e espiritual. A situação da pandemia provocou também um aumento de pessoas em estado de pobreza, muitos vivem nas ruas em busca de alimentos. Em Comunidade, decidimos compartilhar o máximo possível as experiências tidas com eles.

Agradecemos ao Senhor por suas grandes maravilhas. Por ter nos chamado à realização dessa missão, testemunhando o seu amor misericordioso pelos pobres, a exemplo de São Vicente e Santa Luísa nossos santos fundadores.

Província do Vietnã

A mística do “viver juntas”

Um dia, alguém disse que a vida comunitária era como a história de três mesas: a mesa da Palavra de Deus e da Eucaristia, a mesa das refeições e a mesa das reuniões, dos encontros. Nós nos detivemos nesta ideia para partilhar algo sobre a vida fraterna.

A mesa eucarística

*“Em torno da **Eucaristia**, os cristãos são ‘formados pela Palavra de Deus, saciam-se à mesa do Corpo do Senhor, rendem graças a Deus’”* [C.19b]. Segundo os ensinamentos da Igreja e das nossas Constituições, estamos conscientes de que a nossa comunidade é, antes de tudo, uma comunidade reunida por Deus, que se alimenta da oração, da **mesa eucarística** e da **Palavra de Deus**.

Todas as manhãs, a partir das 5h30, rezamos as Laudes e participamos da Missa na Paróquia com os cristãos, depois, continuamos a nossa meditação na capelinha da Comunidade, às 11h30 nos encontramos para o exame particular e às 17h30 para as Vésperas e meditação e concluímos rezando uma dezena do terço diante de um pequeno oratório da Virgem Maria. Por volta das 20 horas, agradecemos a Deus pelo dia e lemos o Evangelho do dia seguinte.

Toda quinta-feira à noite é reservada para a adoração do Santíssimo Sacramento com os fiéis. Nos sábados pela manhã, fazemos adoração com a comunidade.

Conscientes de que a Eucaristia é o centro da vida e da missão da comunidade, cada uma de nós se esforça para se preparar bem e dela participar ativamente. Claro que, por vezes, encontramos certa indiferença ou um desejo de ativismo para concluir um trabalho ou uma atividade, porém, Deus está sempre presente para nos impulsionar, graças aos lembretes da Irmã Servente e da nossa Irmã mais idosa; ambas desempenham o *papel de guardiãs*: *“Sobre as suas muralhas, ó Jerusalém, eu coloquei guardas...eles jamais se calarão...”* (Is 62, 6).

A mesa das Refeições

A mesa eucarística nutre o nosso espírito, fortalece a nossa vida espiritual e a **mesa** das refeições nutre o corpo. Com um espírito de família, cada uma de nós está atenta às necessidades das outras Irmãs da Comunidade e aos seus pratos preferidos: uma gosta de goiaba, a outra gosta de bolos ou sorvetes, etc. Conhecer o gosto uma das outras é apenas uma parte do conhecimento mútuo, contudo, existem outras características, como a história da nossa vocação, das nossas famílias. Durante as nossas refeições, compartilhamos o que constitui a nossa vida, tanto nos aspectos materiais da casa ou do jardim, como assuntos sobre a escola, a paróquia, a vida dos pobres, os seus problemas e as suas necessidades. Desta forma, aprendemos a conhecê-los, mesmo sem encontrá-los pessoalmente. Foi isto que impressionou o senhor Lê Bình An quando este veio pela primeira vez à Comunidade. Embora seja visitado apenas por duas Irmãs da Comunidade, ele sentiu que todas o conheciam.

A mesa do encontro

Claro que precisamos examinar regularmente a nossa forma de viver a vocação, a nossa maneira de servir os pobres e de ouvir os novos chamados. Este é o momento de nos reunirmos **à mesa do encontro** para rever o projeto comunitário, partilhar as nossas diferentes atividades para ter uma visão global e definir linhas de ação dinâmicas. Atualmente, temos quatro programas de apadrinhamento para 200 alunos, ajudamos cerca de vinte idosos que estão sozinhos, visitamos em média vinte famílias, especialmente migrantes do Camboja, temos aproximadamente cinquenta crianças para a Educação Infantil, duas classes de reforço escolar para quase quarenta migrantes. Na paróquia, oferecemos também aulas de catecismo para cerca de cem crianças, formação para o catecumenato e para os membros da AIC, preparação para o casamento, acompanhamento de jovens em discernimento vocacional. Na primeira sexta-feira do mês, levamos a comunhão aos doentes e idosos, visitamos famílias que abandonaram a religião ou que vivem em situações extremamente difíceis. Para aumentar o nosso orçamento, cultivamos e criamos animais. Apesar da diversidade de atividades, todas as Irmãs estão disponíveis de acordo com as suas possibilidades. Na mesa do encontro, partilhamos também os escritos dos Superiores e outros que fortalecem a nossa vida espiritual.

No entanto, uma comunidade nunca está livre de conflitos. Onde há uma "união", há também "confrontos" que surgem das diferenças. Somos

cinco Irmãs: a Irmã Servente, uma Irmã idosa e três Irmãs jovens. Além da diferença de idade, existem também as diferenças de personalidade e culturas; algumas vêm das montanhas, outras do sul, outras do norte... Cada uma tem a sua história, a sua educação, os seus hábitos... Cada uma traz à comunidade o que "é" e o que "tem". As diferenças são normais e sabemos que o Espírito Santo é o Autor. Foi Ele que nos reuniu na Comunidade. O nosso amor pela vocação e o nosso olhar de fé ajudam-nos a acolher estas diferenças como valores que enriquecem a comunidade. Quando surgem confrontos, procuramos reconciliar-nos o mais rapidamente possível: "... vivei juntas, como tendo um só coração e uma só alma, de modo que, por essa união de espírito, sejais uma verdadeira imagem da unidade de Deus..." (Obras Completas, SV IV, 278-279 - Carta 1389 - A Irmã Ana Hardemont, em 30 de julho de 1651).

"A caridade fraterna vai além da comunidade" [C. 37], ela se vive nas relações exteriores com o Pároco, com os paroquianos, com os membros da Família Vicentina, com as autoridades locais e no diálogo inter-religioso.

Durante algum tempo, chamaram a nossa atenção dizendo que nossa Comunidade estava tão vazia quanto ao pagode Ba Danh¹⁷ porque não tínhamos relações com o mundo exterior. Nossa casa estava localizada atrás do presbitério, por isso poucas pessoas vinham à nossa casa, embora tivéssemos as crianças da Educação Infantil. Isto nos fez pensar e decidimos construir uma creche dentro do terreno da comunidade. Desde então, os pais das crianças nos encontram mais facilmente; o portão sempre aberto, os pobres vêm espontaneamente à Comunidade para compartilhar suas alegrias, suas tristezas, suas dificuldades... Os pedidos de serviço multiplicam-se, o Pároco e os paroquianos vêm nos ajudar, assim como os membros da AIC que são cada vez mais numerosos e ativos.

Mantemos relações respeitadas e de colaboração com as autoridades locais e agimos como porta-vozes dos pobres. Podemos colaborar com elas. Na região onde estamos presentes existem diferentes religiões, entre elas o Caodaísmo e o Budismo, e muitos pobres aos quais servimos são membros

¹⁷ Para explicar a expressão "tão vazia quanto ao pagode Ba Danh", muitos pesquisadores apresentaram várias teorias. O mais famoso deles é o pagode Ba Danh [Bao Son Tu] é muito sagrado. O nome pagode Ba Danh é baseado no nome do lugar da cidade Danh Xa onde o templo está localizado, e o incompreensível vazio de um lugar tão sagrado e solene pode às vezes ser explicado pela posição única e isolada do templo. Além disso, a população local costuma dizer que Bao Son Tu é muito sagrado, se os transeuntes ousam rir, não respeitando sequer uma frase, eles serão severamente punidos. Por causa disso, cada vez menos pessoas ousam vir e adorar porque têm medo de "colocar tudo a perder por causa de sua boca".

dessas religiões e, quando as ocasiões se apresentam, vivenciamos com eles, por exemplo, a festa do Têt [Ano Novo vietnamita].

Foi especialmente após os acontecimentos de 1975, que as pessoas chegaram nesta região. Há muitos viciados em drogas, ladrões, jogadores... As necessidades materiais e espirituais dos pobres são imensas, mas não temos tempo suficiente para respondê-las. A paróquia está há muito tempo sem padre e os fiéis têm uma vida de fé muito frágil e pouca atração pela vida sacramental. Algumas das crianças do catecismo não estão interessadas nas atividades e procuram semear a discórdia, o que dificulta ainda mais a relação com os pais.

No entanto, queremos continuar este caminho de fraternidade como nos convida o Papa Francisco: “... *participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos*” (EG, 87), “*doando-vos a vós mesmas a eles por amor, um amor concreto, prático e efetivo*” [Constituições, p. 9].

Irmãs da Comunidade Mai Phuc (Phuoc Minh)

Província da América Central (EL Salvador)

Experiência da fraternidade em Ahuachapán Comunidade “Hogar de la Niña San José”

“A união é tão excelente que Nosso Senhor se quis dar a nós sob esse belo nome de comunhão. Eis porque devemos desejar que a união permaneça sempre entre nós, visto Deus a amar tanto” (SV, conf. de 26 de abril de 1643, sobre a união entre os membros da comunidade, p. 63).

Com este pensamento de São Vicente, apresentamos aqui a nossa experiência de vida fraterna na Comunidade de “Hogar de la Nina San José” em Ahuachapan (EL Salvador).

Nossa Comunidade pertence à Província da América Central. É formada por cinco Filhas da Caridade de diferentes nacionalidades: duas guatemaltecas, duas salvadorenhas e uma nicaraguense. Mesmo que não sejamos uma comunidade perfeita, estamos convencidas de que foi Deus quem nos chamou e reuniu e a diversidade de nossas nacionalidades faz a riqueza da nossa vida comunitária.

Estamos todas ao serviço da educação de crianças e de jovens. Com a ajuda de 51 funcionários, somos responsáveis por um Centro de Desenvolvimento Integral para quarenta crianças entre seis meses e quatro anos de idade, bem como, por um estabelecimento escolar com 892 alunos, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio (de 4 a 15 anos de idade).

Estamos felizes em saber que somos amadas por um Deus amoroso e acreditamos que a comunhão é possível. No entanto, não é fácil porque somos

tentadas a buscar nossa própria segurança e comodidades ou ainda querer dominar e impor nossas ideias. Mas, quando olhamos para Jesus e refletimos sobre nossa vocação, somos capazes de olhar as pessoas e os acontecimentos com fé, a nos tornarmos mais tolerantes e construir uma vida fraterna de qualidade, porque nossa vida fraterna está enraizada em nosso encontro com Cristo. Nossa falta de amor nos torna mais conscientes de nossa necessidade de acolher a misericórdia de Deus e nossos pedidos de perdão fortalecem nossos laços de fraternidade. *“Só o Senhor nos pode dar força para acolher a vida como ela é, aceitando até mesmo as suas contradições, imprevistos e desilusões”* (Patris Corde, 4).

Cada uma de nós se esforça para colocar nossos dons a serviço da comunidade. O que mais nos ajuda em nossa vida comunitária é viver bem os pequenos detalhes da vida diária, a vida de oração, o diálogo, o respeito mútuo e a confiança. Sabemos que a vida fraterna é a nossa força e o nosso apoio no serviço e que este testemunho de fraternidade é necessário para os pobres e para os colaboradores.

A experiência da pandemia do covid-19 tem sido uma verdadeira provação que colocou em evidência a nossa fragilidade humana. No entanto, como membros da comunidade educacional, aprendemos uma nova maneira de viver juntos e de fortalecer os laços de solidariedade. Tivemos que criar novas maneiras de ensinar para que, apesar de tudo, todos pudessem ter sucesso no ano letivo sem sofrer muito com esta situação. *“Com efeito, quando está em jogo o bem dos outros, não bastam as boas intenções...”* (Fratelli Tutti, 185). *“A caridade é dom, que dá sentido à nossa vida e graças ao qual consideramos quem se encontra na privação como membro da nossa própria família, um amigo, um irmão...”* (Mensagem do Papa Francisco, Quaresma 2021).

Para ter uma maior proximidade com os mais necessitados, tanto presencial quanto virtual, procuramos nos equipar com materiais tecnológicos permitindo assim aos professores terem acesso a uma boa rede de Internet.

Contudo, se o mundo digital oferece uma gama de aplicações para desenvolver o trabalho educativo, ele não substitui os laços de afeto que podem ser expressos durante as atividades escolares, culturais, artísticas, desportivas ou espirituais (Eucaristia, tempo de oração, retiros espirituais...). O ser humano não foi feito para viver sozinho, precisamos dos outros para progredir *“a tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades”* (Fratelli Tutti, 32).

Testemunho das Irmãs

Durante esta pandemia, tentamos dar vida a todas as belas palavras que estão escritas no nosso Projeto Escolar. As restrições sanitárias não nos impediram de visitar as famílias das crianças, os professores e os colaboradores. Foi possível acompanhar os doentes e aqueles que tinham perdido um membro da família ou o seu emprego por causa do covid-19. Nós encorajamos a todos a continuarem a rezar fielmente. *“Fomos capazes de reconhecer como as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns que, sem dúvida, escreveram os acontecimentos decisivos da nossa história compartilhada...”* (Fratelli Tutti, 54).

O tempo continua a nos dar lições. A realidade atual nos impele a reforçar ainda mais os laços de fraternidade, desenvolvendo a nossa fé, a nossa esperança e a nossa caridade.

Com os colaboradores e os professores, os alunos aprendem, desde a mais tenra idade, a dar um pouco de alegria às pessoas idosas e abandonadas no Lar “Llano Magaña”, dedicar atenção às vítimas de catástrofes naturais (tempestades tropicais...), a se aproximarem dos sacramentos, a viver os tempos fortes de espiritualidade como Natal, festa dos Fundadores, etc.

Continuamos a pedir à intercessão da Virgem Maria, que foi a primeira discípula e o apoio fundamental da vida comunitária dos primeiros cristãos. Que o seu exemplo de escuta atenta, de meditação da Palavra, de recordar e meditar os acontecimentos no seu coração nos ajude a ser coerentes nas nossas vidas. Que possamos permanecer unidas, apoiando-nos umas às outras como uma família à imagem da Santíssima Trindade, sendo credíveis perante Deus e nossos irmãos.

Irmãs da Comunidade “Hogar de la Niña San José”

Santa Elizabeth Ann Seton Seu projeto de vida¹



Este artigo apresenta a maneira como Elizabeth Ann Bayley Seton, após sua conversão à religião católica, seguiu a Providência saindo de Nova Iorque para o estado de Maryland onde ela se tornou a Madre Seton e iniciou uma missão em 1809 que continua até hoje.

História
da
Companhia

Recentemente convertida ao catolicismo, Elizabeth Seton caminha corajosamente na fé não obstante a adversidade e as decepções. Ela permaneceu esperançosa, apesar da insegurança de suas economias e da sua habitação. Em agosto de 1805, a escola de Patrick White, onde ela iria ensinar, faliu. Três anos mais tarde, teve que renunciar ao seu cargo, no pensionato para rapazes, na Escola Episcopal São Marcos. No entanto, apesar desta incerteza, Elizabeth estava determinada a cumprir o seu primeiro dever: *“A única palavra que tenho a dizer a cada pergunta é: eu sou mãe. Seja o que for que a Providência espere de mim, desde que seja compatível com esta condição, eu digo amém”*².

¹ Carta 5.4 Elizabeth Seton a Antônio Filicchi, em 8 de julho de 1808, *Collected Writings [Obras completas]*. Quatro volumes editados por Irmã Regina Bechtle, SC e Irmã Judith Metz, SC. New City Press : Hyde Park, 2000-2006. Tomo II, p.18.

² Carta 6.74, Elizabeth Seton a George Weis, [27 de abril de 1811], Tomo II, p. 181.

A Providência

A formação cristã que Elizabeth recebera na Igreja episcopal ensinou-lhe que Deus tinha uma intenção particular para cada pessoa. Confiante neste Deus de amor, ela acredita que “*em nossa vida, existe uma Providência que nunca dorme nem cochila*”³, “*Deus proverá, este é o meu reconforto. A Providência nunca me faltou*”⁴.

Ao longo de sua vida, em todos os acontecimentos e desafios inesperados que enfrentou, Elizabeth fez a experiência de ser conduzida por Deus, que lhe deu a força para ultrapassar as dificuldades e continuar o seu caminho.

Em 1791, a pedido do Bispo John Carroll (1789-1815), o primeiro Bispo dos Estados Unidos, os sulpicianos franceses, refugiados no país, fundaram o Seminário de Santa Maria em Baltimore, Maryland. Este Seminário tinha como objetivo preparar os jovens americanos para o sacerdócio. O projeto da Igreja Católica nos Estados Unidos foi assim inspirado pela espiritualidade sulpiciano.

Por volta do ano de 1806⁵, o Padre Louis Guillaume Dubourg, padre francês sulpiciano, nascido em Santo Domingo (colônia francesa-Atualmente Haiti) estava em Nova Iorque para visita, quando, providencialmente, encontrou Elizabeth. Após ter escutado sua história, ele a convidou para ir à Baltimore para estabelecer um pequeno pensionato em vista da formação humana e religiosa de jovens, prometendo-lhe, além disto, a ajuda dos Sulpicianos para preparar um *projeto de vida* adaptado tanto à situação pessoal, com seus próprios filhos, quanto com a futura responsabilidade junto aos alunos⁶. Ora, naquele momento, Elizabeth refletia sobre a possibilidade de viver em Montreal ou no Quebec, porém os Padres Jean Cheverus (1768-1836) e François Matignon (1753-1818), de Boston⁷ tinham-lhe desaconselhado,

³ Carta 1.8, Elizabeth Seton à Eliza Sadler, 8 de fevereiro de 1796, Tomo I, p. 9.

⁴ Carta 6.142, Elizabeth Seton à Julia Scott, 15 de dezembro de 1813, Tomo II, p. 256.

⁵ Guillaume Dubourg (1766-1833) entrou nos Sulpicianos em Baltimore (1795), fundador da Universidade Santa Maria, em Baltimore (1799), e o primeiro Superior geral (1809-1809) das Irmãs da Caridade de São José, Emmitsburg. Além de assumir uma função fundamental na fundação da primeira congregação feminina autóctone dos Estados Unidos (1809) e na adaptação das Regras comuns das Filhas da Caridade (1812), Dubourg foi o primeiro Bispo da Diocese de Louisiana e da Flórida. Dubourg convidou o Padre Felix de Andreis, C.M. (1778-1820) e o Padre Joseph Rosati, C.M. (1789-1843); primeiro Bispo de São Luís, no estado do Missouri, (1827-1843) a fazer a primeira implantação da Congregação da Missão na América do Norte, em 1816. Como Bispo de Montauban, Dubourg ordenou São João Gabriel Perboyre, C.M., na Capela das Filhas da Caridade, na rua do Bac.

⁶ Carta 5.4, Elizabeth Seton a Antônio Filicchi, 8 de julho de 1808, Tomo II, p. 18.

⁷ O Padre Jean Cheverus, (1768-1836), um migrante vindo da França, tornou-se o primeiro Bispo de Boston em 1808, arcebispo de Bordeaux (1826-1836) e Cardeal (1836). O Padre François Matignon, (1753-1818), um migrante da França e doutor na Sorbone (1785) exercia seu ministério em Boston. Cheverus e Matignon eram conselheiros nos quais Elizabeth Seton confiava.

convictos de que ela estava destinada a fazer muito bem nos Estados Unidos. O Padre Dubourg, retorna à Baltimore, fala sobre este projeto ao seu Superior, o Padre François Charles Nagot, (1734-1816) e a seus coirmãos sulpicianos. Depois, ele o apresenta a Dom Caroll e este aprova em sua integridade, dizendo: “[Embora] completamente ignorante de todos os detalhes, para aprovar este projeto, basta-me saber que tem o acordo do Padre Matignon e do Padre Cheverus”⁸.

Após a morte de seu sogro querido, Elizabeth e seu esposo cuidaram das crianças órfãs, irmãos e irmãs de William por parte de pai. Os irmãos mais velhos foram morar em um internato e os novos ficaram em casa sendo alfabetizados por Elizabeth: esta experiência permitiu-lhe descobrir o seu dom para o ensino. Numa carta a uma amiga, disse: “*Tento [ensiná-los] há uma semana e, o faço com grande alegria*”⁹. Graças ao Padre Dubourg, sua tendência natural se desenvolverá no serviço da educação católica no estado de Maryland.

Antes de Elizabeth e os seus filhos partirem de barco para Maryland, o Padre Dubourg apresentou-lhe as linhas gerais do seu futuro e pequeno internato, na Rua Paca: “*Não desejo ver o número dos vossos alunos aumentar com rapidez, (pois), quanto menos tiverem no início, mais leve será a vossa tarefa, e assim, mais fácil vos será estabelecer esse espírito de regularidade e piedade que deve ser a mola principal de todo o vosso trabalho*”. Ele acreditava que nos Estados Unidos havia “*demasiadas escolas mistas, cuja educação tinha por único objeto a cultura do exterior brilhante*”. O Padre Dubourg argumentou que não havia nenhuma escola que combinasse a educação básica com “*piedade e que era preciso dar prioridade a esta última*”, “*tal como a sua certamente o será, de acordo com o seu desejo*”¹⁰. Elizabeth estava ciente do grande dinamismo do Padre Dubourg, mas ao empreender uma iniciativa atrás da outra, mesmo antes de estarem bem estabelecidas, produziu uma certa insegurança e instabilidade nos seus colaboradores.

⁸ Arquivos da Província Santa Luísa (APSL), Carta de John Carroll à Elizabeth Seton, 23 de maio de 1807. Ver CARTA4.27, Elizabeth Seton a Dom John Carroll, 26 de novembro de 1806, Tomo I, p. 420-22.

⁹ Carta 1.33, Elizabeth Seton à Julia Scott, 25 de novembro de 1798, Tomo I, p. 54.

¹⁰ Carta do Padre Dubourg à Elizabeth Seton, 27 de maio de 1808, citado em *Elizabeth Seton e os começos da Igreja católica nos Estados Unidos* (Editions Poussielgue: Paris, 1906), Tomo I, p. 449.

A missão no Estado de Maryland

Deixando a cidade de Nova Iorque para ir morar no estado de Maryland, Elizabeth atravessou fronteiras sociais e geográficas para começar uma nova vida no sul deste Estado. Em 16 de junho de 1808, ela chegou a Baltimore com as suas filhas. Durante um ano, ela deu aulas para meninas católicas de um pequeno internato, na sua casa, adjacente ao Seminário dos Sulpicianos de Santa Maria, na Rua Paca. Além da leitura, da escrita e da aritmética, as estudantes receberam uma formação religiosa.

Neste ambiente católico, que permite Elizabeth refletir sobre a sua missão, ela compreende que o amor implica justiça¹¹. Ela tomou consciência da desigualdade de oportunidades para meninas de famílias pobres, especialmente devido à falta de acesso à educação. Nessa altura, as escolas ainda estão numa fase primitiva, os meninos aprendiam a ler e a escrever, mas as poucas meninas que estavam inscritas na escola aprendiam apenas a ler!

Elizabeth comunica ao Padre Dubourg seu desejo de instruir as crianças pobres. Ao mesmo tempo, Samuel Sutherland Cooper (1769-1843), seminarista, convertido e antigo capitão naval, expressou seu desejo de comprar um terreno destinado ao serviço e à educação das crianças em situação de vulnerabilidade. O projeto de Cooper era estabelecer “*uma instituição... para dar às meninas de famílias católicas uma educação adequada para estabelecê-las na prática da fé e nela consolidá-las*”¹².

Em 1798, o Padre Dubourg tinha trabalhado para que as Ursulinas fossem estabelecidas em Baltimore, mas em vão. No entanto, continuou a considerar a fundação de uma Congregação feminina autóctone¹³. Será que o momento tinha chegado para a realização do seu sonho, uma vez que a Providência tinha reunido a presença da Sra. Seton com a oferta do Sr. Cooper? No entanto, os Sulpicianos e o Bispo Carroll ficaram perplexos diante da condição do lugar exigido pelo projeto do senhor Cooper, pois o doador exigiu que “*este estabelecimento fosse feito em Emmitsburg, um vilarejo a dezoito léguas de Baltimore, e a partir daí se estendesse por todos os Estados Unidos*”¹⁴.

¹¹ Cf. Obras Completas, São Vicente de Paulo: correspondência, colóquios, documentos. Tomo II/organizado por Pierre Coste, tradução de Getúlio Mota Grossi - Belo Horizonte: Editora O lutador, 2016. p. 75. Carta 452, Vicente de Paulo a Francisco du Coudray, em 17 de junho de 1640. Cf. Coste VII, 98, Carta 2546. Vicente de Paulo a Firmin Get, 8 de março de 1658.

¹² Elizabeth Seton a Filippo Filicchi, 8 de fevereiro de 1809, Tomo II, p. 54-55.

¹³ McNeil, Betty Ann, FC (1999) "The Sulpicians and the Sisters of Charity: Concentric Circles of Mission" ["Os Sulpicianos e as Irmãs da Caridade: os círculos concêntricos da missão"], *Vincenian Heritage Journal* 20:1, p. 21.

¹⁴ Carta do Padre Dubourg ao abade Élèves, 15 de junho de 1828, APSL.

Elizabeth, por sua vez, permaneceu na reserva, como escreveu a Filippo Filicchi: *"Permaneci invariavelmente na reserva, evitando mesmo pensar voluntariamente em qualquer projeto desta natureza; pois sei bem que o único projeto que devemos realmente realizar, será o de Deus"*¹⁵. Os Sulpicianos de Baltimore tinham fornecido um trampolim para o futuro de Elizabeth ao se comprometerem em apoiar a iniciativa do Padre Dubourg, em favor da instrução das meninas, e os seus Superiores viram a oportunidade de reproduzir na América do Norte¹⁶ a Companhia das Filhas da Caridade. A simplicidade, a mobilidade e a missão das Filhas da Caridade ao serviço dos mais pobres correspondiam bem às necessidades da Igreja americana. Na ata da Assembleia dos Sulpicianos de 14 de março de 1809, lemos:

*"Fala-se em comprar uma plantação perto de Emmitsburg para fundar uma comunidade de jovens, tal como as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, que se reúnem para o cuidado dos doentes e a instrução das meninas em todas as áreas da educação cristã"*¹⁷.

O Padre Dubourg diz a Elizabeth que os seus confrades estão *"cheios de entusiasmo"* por esta futura Comunidade e *"prontos a promovê-la tanto quanto possível"*¹⁸. Os padres recrutaram jovens mulheres na Filadélfia, Nova Iorque e Baltimore que se interessaram por este projeto de vida. Cecília O'Conway (1788-1865) da Filadélfia, proposta pelo sulpiciano Pierre Babade (1763-1846), será a primeira Irmã da Caridade na América do Norte, como Margarida Naseau foi na França¹⁹.

Madre Seton

A graça divina permite Elizabeth, ansiosa para recomeçar, a responder de todo o coração ao Deus que ela encontra cada vez mais profundamente na oração e que deseja a Ele consagrar-se através de votos privados. Em 25 de março de 1809, na capela subterrânea do Seminário de Santa Maria, Elizabeth fez os votos de castidade e de obediência por um ano diante de Dom John Carroll, Arcebispo da primeira Sé (Baltimore). Ele acreditava que ela não devia

¹⁵ Carta 5.18, Elizabeth Seton a Filippo Filicchi, 8 de fevereiro de 1809, Tomo II, p. 55.

¹⁶ Padre Charles-François Nagot, P.S.S. (1734-1816; Superior sulpiciano 1790-1810) e Padre Jean-Marie Tessier, P.S.S. (1758-1840; Superior sulpiciano 1810-1829).

¹⁷ Annabelle M. Melville, *Louis William Dubourg*, 2 volumes (Loyola University Press, 1976), I, p. 177.

¹⁸ Carta do Padre Dubourg à Elizabeth Seton, 8 de junho de 1808, APL.

¹⁹ Cf. McNeil, Betty Ann D.C. (2009) "Memoir of Sister Cecilia O'Conway: Sisters of Charity of St. Joseph's" ["Memória da Irmã Cecilia O'Conway: as Irmãs da Caridade de São José"], *Vincian Heritage Journal* 29:2, p. 2.

fazer um voto de pobreza para continuar a exercer livremente o seu dever parental para com os seus filhos. Quando estava prestes a iniciar uma nova missão e uma vida comunitária à imitação de Jesus Cristo, "*fonte e modelo de toda a caridade*"²⁰, o Arcebispo conferiu-lhe o título de "Madre Seton".

Depois, cinco outras jovens juntaram-se à Madre Seton nesta comunidade nascente de Baltimore. Escolheram um hábito simples, mas, homogêneo: vestido preto, capa e touca, com base no padrão das roupas de luto das viúvas em Toscana. No final de julho de 1809, Madre Seton e as suas Coirmãs mudaram-se para o condado de Frederick, Maryland, depois de passarem seis semanas nas montanhas no Seminário Monte Santa Maria. Entretanto, os Sulpicianos concordaram que o seu confrade Benedict Joseph Flaget, (1763-1850), nomeado Bispo, a caminho da França, procurasse obter da Companhia das Filhas da Caridade os textos das Regras comuns, os escritos vicentinos, e algumas Irmãs disponíveis para irem aos Estados Unidos (Madre Seton não tinha conhecimento deste último objetivo).

A Madre Seton decidiu chamar a sua parcela de terra de "Vale de São José". Por isso que, no início, antes de deixarem Baltimore, os membros da nova comunidade são chamados "Irmãs de São José". A Madre Seton as nomeou "Irmãs da Caridade de São José". Fundadas em 31 de julho de 1809, o nome significa que as Irmãs da Caridade vivem no Vale de São José. Inicialmente, as Irmãs viviam juntas numa antiga fazenda de pedra até à construção de uma casa maior: a Casa São José (hoje chamada Casa Branca). A Comunidade é a primeira Sociedade de Vida Apostólica do país.

Ainda no tempo de Madre Seton, 105 candidatas entraram na Comunidade das Irmãs da Caridade de São José e 67 perseveraram. Dezoito delas pronunciaram os votos pela primeira vez em 19 de julho de 1813, com uma versão modificada da fórmula dos votos das Filhas da Caridade. Infelizmente, a enfermidade e a morte prematura eram onipresente: Madre Seton enterrou dezoito jovens Irmãs mas também os seus próprios filhos: Annina (Anna-Maria) (1812) e Rebecca (1816), bem como duas das suas cunhadas: Harriet (1809) e Cecília Seton (1810)²¹. No entanto, tentou sempre '*fazer a vontade de Deus*' e entregou-se '*à sua boa providência*', e temia '*antecipar-se*' em palavras ou atos²².

²⁰ Documento A-12.3, Regra de 1812, Tomo IIIb, p. 500.

²¹ McNeil, Betty Ann, FC (2012) "Demographics of Entrants: Sisters of Charity of St. Joseph's, 1809–1849 And Daughters of Charity, Province of the United States, 1850–1909" ["Demografia das candidatas das Irmãs da Caridade de São José, 1809-1849 e das Filhas da Caridade, Província dos Estados Unidos, 1850-1909"], *Vincentian Heritage Journal* 31:1, p. 79.

²² Carta 7.323, Elizabeth Seton a um padre, sem data, Tomo II, p. 707; Carta 7.29, Elizabeth Seton à Marie Françoise Chatard, Tomo II, p. 400.

William e Richard Seton frequentaram o Colégio Georgetown durante dois anos, depois a mãe deles os enviou para o Colégio Santa Maria em Baltimore e no ano seguinte para o Colégio Monte Santa Maria perto de Emmitsburg²³. As suas filhas frequentaram a Escola São José e ao mesmo tempo ajudaram os alunos mais novos.

Os Sulpicianos

Os Sulpicianos de Baltimore são atenciosos com as Irmãs, mas o caráter dos Superiores nomeados para dirigir as Irmãs da Caridade desafiavam a boa vontade e a determinação da Madre Seton. Este foi um obstáculo difícil de ultrapassar. Gradualmente, porém, a Providência permitiu o desenvolvimento de uma relação mais equilibrada.

O Padre Guillaume Dubourg

O Padre Dubourg, sempre muito empreendedor, propõe um regulamento provisório e preside o primeiro Conselho e à eleição dos membros oficiais. As Irmãs escolhem Elizabeth Ann Seton como sua animadora espiritual ou Superiora da Comunidade. O Padre Dubourg pregou o seu primeiro retiro e as proibiu de se corresponderem com um padre de Baltimore a quem as Irmãs estavam muito apegadas. Diante do descontentamento das Irmãs, Madre Seton escreveu ao Bispo Carroll que o Padre Dubourg estava *"agindo como um tirano"*²⁴. No final de agosto de 1809, o Superior dos Sulpicianos pediu ao Padre Dubourg uma explicação. Este, contrariado, pediu demissão. Madre Seton escreveu com pesar: *"as minhas próprias dificuldades ensinar-me-ão, espero, a confortar os outros"*²⁵. Ela pediu desculpas ao Padre Dubourg e implorou-lhe que reconsiderasse a sua demissão, mas, em vão.

O Padre Jean-Baptiste David

Os Sulpicianos nomearam um novo Superior, o Padre Jean Baptiste David, nascido à Couëron (próximo de Nantes), na França²⁶. Uma atitude autoritária e seu desprezo das competências das Irmãs provocaram uma

²³ No século XIX, nos Estados Unidos, um "colega" estava num internato para os estudos secundários dos meninos que se parece com o nosso atual Ensino fundamental e Ensino médio.

²⁴ Carta 6.4, Elizabeth Seton a Dom John Carroll, [6 de agosto de 1809], Tomo II, p. 78.

²⁵ Ibid.

²⁶ Jean Baptiste David, P.S.S. (1761-1841).

incompatibilidade de temperamento entre ele e várias Irmãs, inclusive a Madre Seton. Ela reconheceu diante de Dom Carroll: “*a verdade é que me elegeram Madre, antes que eu estivesse pronta... As circunstâncias se acumulam e criam em meu espírito a confusão e a falta de confiança nos meus Superiores que ultrapassa toda descrição*”²⁷. Apesar dos esforços da Madre Seton, e sua oração constante implorando o auxílio do Senhor, seu coração permanece firme e “*quando a pluma deve dar livremente as informações que ele necessita, ela para... eu permaneço imóvel e inativa*”²⁸.

A angústia e a insegurança se apoderaram de Madre Seton, que escreveu a um amigo: “*Tudo aqui está novamente em suspenso, e eu até mesmo considere voltar a viver no mundo com a minha pobre Annina, Kate e Rebecca, pois temos fortes razões para acreditar que a nossa situação é mais instável do que nunca*”²⁹. Embora o Padre David tenha provavelmente iniciado o processo de aquisição das Regras das Filhas da Caridade, demitiu-se dois anos mais tarde para dar assistência ao Bispo Flaget na sua Diocese de Bardstown, no estado de Kentucky, na fronteira ocidental dos Estados Unidos da América.

O Padre Jean Dubois

Diferentemente dos curtos mandatos do Padre Dubourg e do Padre David, seu sucessor, o Padre Jean Dubois (parisiense de nascimento) foi Superior das Irmãs da Caridade durante vinte e cinco anos³⁰. Ele contribuiu muito com a organização eclesial, no governo da Comunidade e na formação vicentina das Irmãs. Em Paris, o Padre Dubois tinha trabalhado durante cinco anos com as Filhas da Caridade como capelão do Asilo das Petites Maisons [Casinhas]. A Madre Seton pensa que o Padre Dubois é “*totalmente manso e caridoso*” e o estima “*excelente*” na sua ação concreta e pastoral³¹. Eles têm uma boa colaboração e uma verdadeira relação de amizade.

²⁷ Carta 6.9, Elizabeth Seton a Dom John Carroll, 2 de novembro de 1809, Tomo II, p. 88; Carta 6.23, Elizabeth Seton a Dom John Carroll, 25 de janeiro de 1810, Tomo II, p. 106.

²⁸ Ibid.

²⁹ Carta 6.57, Elizabeth Seton a George Weis, 9 de agosto de 1810, Tomo II, p. 155-56.

³⁰ Jean Dubois, (1764-1842), após a sua ordenação a Paris (1787) foi vigário em São Sulpício e capelão do Asilo das Petites Maisons (Casinhas) onde as Filhas da Caridade serviam; refugiado (1791), entrou na Companhia de São Sulpício (1806); fundou o Colégio e o Seminário Monte Santa Maria, próximo de Emmitsburg (1808); capelão e depois Superior das Irmãs da Caridade de São José (1810-1826); terceiro bispo de Nova Iorque (1826-1842).

³¹ Carta 6.4 Elizabeth Seton a Dom John Carroll, [6 de agosto de 1809], Tomo II, p. 77-8.

O Padre Simon Bruté

O Padre Simon Gabriel Bruté (nascido em Rennes, na França), e o Padre Dubois exerceram uma função importante para infundir o espírito de Vicente de Paulo e de Luísa de Marillac nas Irmãs da Caridade³². Eles ajudaram Madre Seton a formar as Irmãs como servas dos pobres, capazes de reconhecer o rosto de Cristo nas pessoas a quem elas servem corporal e espiritualmente. O Padre Bruté trabalhou nos postos administrativos, pastorais e formativos em Baltimore e em Emmitsburg. Ele foi também o diretor espiritual de Madre Seton. Após a morte de Madre Seton, em 4 de janeiro de 1821, o Padre Bruté escreveu: “*Minha afeição por ela e o meu profundo conhecimento da Madre Seton levam-me a dizer que ela era uma dessas almas verdadeiramente escolhidas... Parece-me impossível que pudesse haver maior elevação, pureza e amor a Deus, ao Céu, às coisas sobrenaturais e eternas, do que as que se encontravam nela. Só a grandeza de Deus a impressionava profundamente!*”³³.

O CARISMA VICENTINO

A Madre Seton foi a primeira a introduzir e a inculturar o carisma vicentino na América do Norte. Para responder às necessidades da Igreja Católica na América, os Sulpicianos ajudaram Elizabeth a adaptar as *Regras comuns das Filhas da Caridade* (1672) e a redigir a *Regra para a Companhia das Irmãs da Caridade dos Estados Unidos da América* (1812)³⁴. As palavras do primeiro capítulo, artigo 1, ressoam com a dimensão eterna e internacional do carisma vicentino, plantado numa nova terra para um novo tempo. “*O fim principal para o qual Deus chamou e reuniu as Irmãs da Caridade é para honrar Nosso Senhor Jesus Cristo como fonte e modelo de toda a caridade*”³⁵. A Madre Seton pede às suas Irmãs que “*encontrem cada pessoa na graça do momento*” para discernir o caráter da “*pessoa que devemos encontrar*”³⁶.

³² Simon Bruté, (1779-1839), diplomado em medicina na Sorbonne (1796); ordenado padre (1808), entrou na Companhia de São Sulpício. Bruté imigrou para os Estados Unidos (1810) com o Bispo eleito Benedict Joseph Flaget, que levou as *Regras comuns das Filhas da Caridade* e os textos vicentinos aos Estados Unidos para a comunidade de Madre Seton. Bruté trabalhou nos postos administrativos, pastorais e de formação em Baltimore e em Emmitsburg antes de ser nomeado primeiro Bispo de Vincennes, no Estado da Indiana (1834). Ele foi o diretor espiritual de Madre Seton.

³³ Simon Bruté, “A Madre,” 5 de julho de 1821, ASPL.

³⁴ Documento A-12.3, Regra de 1812, Tomo IIIb, p. 499-534.

³⁵ Ibid.

³⁶ Carta 7.31, Elizabeth Seton ao Padre Simon Bruté, [de junho de 1816], Tomo II, p. 402.

Santa Elizabeth Ann Seton: seu projeto de vida

Durante uma instrução, ela refletiu com as suas Irmãs sobre o seu serviço prestado a Deus:

*“Jesus permanece em nós... nós formamos o seu Corpo...? Tal como a batida do coração envia sangue para cada parte do corpo, para o alimentar, [como] a vida do nosso Jesus nos anima? Será que Lhe damos verdadeiramente o serviço do coração, sem o qual tudo o que lhe pudéssemos dar não teria qualquer valor?”*³⁷

O Padre Flaget trouxe da França, entre outros, a obra em três volumes do livro: *A vida do venerável servo de Deus, Vicente de Paulo* (Louis Abelly, 1664). A Madre Seton fez uma tradução do trechos escolhidos da biografia de São Vicente para suas instruções às Irmãs. A formação religiosa assume a cor da tradição vicentina para que as Irmãs da Caridade possam realizar *“todos os seus exercícios em espírito de humildade, simplicidade, caridade, em união com os que Nosso Senhor Jesus Cristo fez na terra”*³⁸.

Para formar as Irmãs da Caridade de acordo com a tradição de Santa Luísa de Marillac e São Vicente de Paulo³⁹, a Madre Seton traduziu em inglês vinte e três textos de conferências, de biografias e de instruções. Além dos trechos biográficos de São Vicente por Abelly, Madre Seton elabora também a primeira tradução em inglês da *Vida de Mademoiselle Le Gras* (Nicolas Gobillon, 1676).

Em 1812, Dom Carroll e o Padre Jean-Marie Tessier (1758-1840), Superior dos Sulpicianos em Baltimore, aprovaram a Regra e as Irmãs começaram o noviciado. Em 19 de julho de 1813, dezoito Irmãs, inclusive Madre Seton, renovaram as promessas do seu batismo e pronunciaram os votos pela primeira vez de pobreza, castidade e obediência. Elas se comprometeram em *“se empregar no serviço corporal e espiritual dos pobres doentes, nossos verdadeiros Mestres, na instrução de todos aqueles que nos foram confiados e todas as tarefas indicadas em nossa Regra”*⁴⁰. Madre Seton escreveu uma meditação para a “Festa de São Vicente de Paulo” para ajudar as Irmãs a pronunciarem os seus votos pela primeira vez, embora a partir de então as Irmãs da Caridade renovam os seus votos anuais em 25 de março, festa da Anunciação.

³⁷ Documento 9.15, [Meditações de retiro], As Irmãs da Caridade meditam sobre o serviço prestado a Deus, Tomo IIIa, p. 331-2.

³⁸ Documento 13.2, Vida de Vicente de Paulo, “Instituição das Irmãs da Caridade”, Tomo IIIb, p. 280. (Abelly, livro II, capítulo IX, p. 334)

³⁹ Ver parte XIII, Documento 13.1-13.23, Tomo IIIB, p. 217-496.

⁴⁰ Documento A-12.4, Primeira fórmula dos votos, Tomo IIIb, p. 563-4.

*"Ó amado Senhor... estamos na vossa presença. Os nossos corações anseiam em ler todas as resoluções do nosso serviço junto a vós... Preparai os nossos corações com as mais abundantes graças, inflamai o fogo sagrado em todos os altares do amor e do sacrifício, deixai que cada coração se eleve a vós com todo o zelo possível para este momento glorioso"*⁴¹.

As Bênçãos de Deus

Unindo o desejo de ensinar de Elizabeth Ann Seton e de Samuel Cooper ao projeto dos Sulpicianos, a Regra de 1812 deu prioridade à educação das meninas: *"Honrar a Sagrada Infância de Jesus nas jovens, cujos corações são chamados ao amor de Deus pela prática das virtudes e pelo conhecimento da religião, semeando nas suas mentes as sementes do conhecimento útil"*⁴².

A Escola São José foi a primeira escola católica gratuita para meninas nos Estados Unidos, administrada por Irmãs. Visto que era necessária uma fonte de rendimento para a educação das estudantes pobres do externato, após alguns meses, a Escola São José começou a aceitar pensionistas que pagariam a sua própria pensão. Em cada turma, as alunas, tanto internas quanto externas, recebiam instrução religiosa e catequese. As Irmãs ensinavam-lhes gramática, ortografia, leitura, escrita, geografia, análise gramatical, aritmética, francês, música, literatura, etc⁴³. Na correspondência de Elizabeth Ann Seton e nas suas relações com as Irmãs, alunas, pais e ex-alunas, há uma grande dose de cordialidade e amizade. Elizabeth Ann manteve vínculos afetivos através da partilha de alegrias e tristezas.

Madre Seton é a educadora católica pioneira nos Estados Unidos, mas não é a fundadora do sistema de educação católico "paroquial", de acordo com o qual uma paróquia financia uma escola para crianças do seu setor. Madre Seton foi uma inovadora na medida em que pôs à disposição das crianças pobres a escolarização baseada em valores cristãos, instrução religiosa e catequese.

Diante das solicitações, Elizabeth, em 1814, enviou em missão algumas Irmãs para Filadélfia para cuidar do Lar de São José, o primeiro orfanato católico nos Estados Unidos. Em 1815, a Comunidade abriu uma casa no Colégio e Seminário Monte Santa Maria para dirigir a enfermaria e os serviços domésticos da instituição sulpiciano. Em 1817, Madre Seton teve a honra de enviar Irmãs da Caridade para a sua cidade natal e abrir o

⁴¹ Documento 9.15, [Meditações do retiro], Festa de São Vicente, Tomo IIIa, p. 329-31.

⁴² Documento A-12.3, Regra de 1812, Tomo p IIIb, p. 499-534.

⁴³ Documento 12.8, Regulamento da Escola São José, Tomo IIIb, p. 124-27.

Orfanato da cidade de Nova Iorque (mais tarde, Orfanato de São Patrício)⁴⁴. Numa carta aos Filicchis, Madre Seton refere-se à semente de mostarda nos Evangelhos: "*Todos os nossos negócios em São José funcionam com a bênção de Deus... Três ramos saíram da nossa casa. Eles dão seus frutos e semeiam o pequeno grão de mostarda. A religião sorrir para o nosso pobre país de muitas maneiras*"⁴⁵.

As Irmãs da Caridade acrescentam, a todos os seus serviços, um serviço social, de cuidados, de catequese, de acordo com a justiça social e os valores cristãos. De acordo com o segundo objetivo da sua Regra, dão prioridade à educação "*para todas as meninas, qualquer que seja a sua condição, pela qual as Irmãs recebem uma indenização suficiente, a partir da qual farão esforço para economizar o máximo possível para educar gratuitamente as meninas pobres e órfãs*"⁴⁶. Onde quer que as Irmãs da Caridade tivessem um orfanato, elas abriam uma escola gratuita e uma particular. A Madre Seton dizia aos seus alunos:

*"A vossa pequena Mãe, minhas queridas, não veio para vos ensinar a serem boas religiosas ou Irmãs da Caridade. Não, quero tornar-vos aptas para o mundo onde estão destinadas a viver, para vos ensinar a serem boas esposas e mães de família"*⁴⁷.

Após a morte da Madre Seton, as Irmãs que a sucederam continuaram a expandir as Casas e as obras. As Irmãs da Caridade foram as primeiras nos Estados Unidos:

- a administrar cuidados aos doentes, num serviço de saúde católico: "Enfermaria de Baltimore" (1823),
- a fundar um hospital católico em São Luís (1828),
- a fundar um hospital psiquiátrico católico em Baltimore: "O Monte da Esperança" (1840).

OS SINAIS DOS TEMPOS

Madre Seton se espelhou nas Filhas da Caridade de Paris como modelo para a sua comunidade. Depois de ter relido a versão inglesa das Regras Comuns, ela escreveu: "*Nunca tive um pensamento que discordasse delas, na medida em que a minha pobre capacidade possa julgar ao observá-las*"

⁴⁴ Carta 7.103, Elizabeth Seton ao Padre Simon Bruté, 1 de agosto de 1817, Tomo II, p. 494.

⁴⁵ Carta 7.117, Elizabeth Seton a Antônio Filicchi, 16 de setembro de 1817, Tomo II, p. 508. cf. Lc 13, 19.

⁴⁶ Documento A-12.4, Constituições das Irmãs da Caridade nos Estados Unidos da América (1812), Tomo IIIb, p. 541.

⁴⁷ Charles I. White, *The Life of Mrs. Eliza Seton [A vida da senhora Eliza Seton]*, (1853), 362.

de perto”⁴⁸. A sua intenção era a de fundar uma Comunidade americana⁴⁹ sob a autoridade eclesiástica da Companhia dos Padres de São Sulpício na Arquidiocese de Baltimore e não uma Comunidade diocesana dependente do Ordinário. As suas Constituições declaram que as Irmãs da Caridade "*reconhecem Vicente de Paulo como o seu principal patrono e fundador*". Em 1817, a Assembleia geral do Estado de Maryland reconheceu a existência legal das Irmãs da Caridade de São José⁵⁰.

O Padre Dubourg foi o primeiro a falar de um "projeto de vida", mas foi o Padre Dubois que orientou o seu desenvolvimento. A Madre Seton rejeitou uma estrutura diocesana e uma afiliação internacional a favor de uma estrutura inédita:

"Sob a autoridade do Arcebispo de Baltimore e do Superior do Seminário São Sulpício de Baltimore, que nomeará o Superior (Geral) que dirigirá a sua Sociedade... Haverá um governo central do qual emanarão todos os outros estabelecimentos... constituído pelo Superior, a Madre e o seu Conselho [eleitos por um mandato de três anos]"⁵¹.

"Embora esta Instituição seja a mesma em substância que a das Filhas da Caridade na França, não terá qualquer relação com a Companhia ou com o governo das referidas Irmãs da França ou em qualquer país europeu, exceto a de caridade mútua e correspondência amigável"⁵².

A sua infância na colônia de Nova Iorque durante a Guerra da Independência Britânica (1775-1783) explica evidentemente o seu ponto de vista. Contudo, se a Madre Seton tivesse vivido mais trinta anos, teria sem dúvida reconhecido a Providência nos sinais dos tempos que levaram as Irmãs da Caridade de São José a se unirem à Companhia das Filhas da Caridade em 1850.

Imediatamente após a sua ordenação episcopal em 1790, John Carroll tinha convidado a Companhia de São Sulpício para fundar um Seminário nos Estados Unidos⁵³. A agitação da Revolução Francesa levou os Sulpicianos a migrar e assumir outros serviços além da formação dos Padres. Assim, nos

⁴⁸ Carta 6.83, Elizabeth Seton a Dom John Carroll, 5 de setembro de 1811, Tomo II, p. 195.

⁴⁹ Elizabeth Seton fundou as Irmãs da Caridade de São José aos 26 anos após que o Tratado de Paris tinha dado o seu acordo de independência às antigas colônias britânicas na América do Norte. Ver Ellin M. Kelly Collection, APSL.

⁵⁰ Documento A-7.73a, Ato de incorporação, Tomo IIIb, p. 758-60.

⁵¹ Documento A-12.4, Constituição das Irmãs da Caridade nos Estados Unidos da América (1812), Tomo IIIb, p. 541-62.

⁵² Ibid.

⁵³ Cf. <https://www.generalsaintsulpice.org/en/who-are-we/chronolog>

Estados Unidos, os Sulpicianos atenderam às necessidades urgentes desta Igreja pioneira.

Na França, no início do século XIX, a mudança política e eclesial marcou uma nova era para o clero e as religiosas: o restabelecimento das Filhas da Caridade em 1800, a Companhia de São Sulpício em 1814, a Congregação da Missão em 1816... tudo isto aconteceu ao mesmo tempo que a fundação e o desenvolvimento das Irmãs da Caridade de São José (1809-1820).

Após a Revolução Francesa, a Companhia de São Sulpício realizará duas Assembleias Gerais, uma em 1829 e outra em 1845. Foram promulgados decretos para que todos os Sulpicianos do mundo inteiro regressassem ao carisma original: a formação de sacerdotes. Assim, nos Estados Unidos, os Sulpicianos devem libertar-se de todas as obrigações, exceto as de professor de Seminário. Para a Comunidade das Irmãs da Caridade de São José, o objetivo dos Sulpicianos era salvaguardar o seu carisma vicentino e a sua integridade, para que os bispos não as dizimassem, impondo a sua autoridade⁵⁴. O Superior eclesial das Irmãs da Caridade, o Padre Louis-Regis Deluol (1787-1858), Sulpiciano, tentou, mas em vão, fazer com que a Congregação da Missão se interessasse em assumir o acompanhamento desta Comunidade. Durante mais de dez anos, tentou encontrar uma forma de unir a Comunidade de Emmitsburg com a das Filhas da Caridade.

Surpreendentemente, não existem documentos que possam atestar o papel desempenhado pelas Irmãs neste processo, além da informação de que a maioria das Irmãs pronunciou os seus votos em 25 de março de 1850 com a fórmula tradicional das Filhas da Caridade⁵⁵. Em 1810, em Bordeaux, três Filhas da Caridade (Irmã Marie-Anne Bizeray, Irmã Marguerite Voirin e Irmã Augustine Chauvin) que deveriam partir para os Estados Unidos ficaram detidas em Bordeaux, por causa da recusa de Napoleão em lhes fornecer um passaporte. Elas escreveram uma carta às Irmãs americanas para explicar a situação e enviou-lhes uma cópia manuscrita da fórmula dos votos⁵⁶. Provavelmente, foram as Filhas da Caridade que o Bispo Flaget tinha solicitado e cuja viagem tinha sido paga pelos Sulpicianos. De fato, "*a verdadeira sabedoria consiste em seguir a Providência, passo a passo*"⁵⁷.

⁵⁴ Dom John Hughes de Nova Iorque criou um conflito em 1846 que suscitou a saída de aproximadamente trinta Irmãs da Comunidade de Emmitsburg para formar uma nova Comunidade, as Irmãs da Caridade de Nova Iorque

⁵⁵ As Irmãs em Cincinnati recusaram e saíram da Comunidade e fundaram uma nova Comunidade, as Irmãs da Caridade de Cincinnati (1852).

⁵⁶ Irmã Marie-Anne Bizeray, FC, às minhas queridas Irmãs, 12 de julho de 1810, ASPL.

⁵⁷ Obras Completas, SV II, 552, à Bernardo Codoing, em 6 de agosto de 1644).

“CIDADÃ DO MUNDO”

A rica vida espiritual de Santa Elizabeth Ann Seton estava fundamentada nas Sagradas Escrituras, na Eucaristia, no serviço aos necessitados e na fidelidade à Igreja. O seu segredo foi o da espiritualidade da relação, centrado na espiritualidade da Encarnação. Ela gostava muito de ler a Bíblia que o fazia avidamente. O Salmo 22 sempre foi o seu favorito. Imbuída da Palavra de Deus, ela soube reconhecer a Sua vontade e cumpri-la. A oração desenvolveu o seu olhar de fé, a comunhão eucarística fortaleceu a sua determinação em superar obstáculos. A sua profunda fé e a graça permitiram-lhe ver a mão de Deus, discernir a "Presença Real" dele nas pessoas, nas circunstâncias e nos acontecimentos. A sua paz interior e a sua santidade emanavam da aceitação do Mistério Pascal, carregando a sua cruz na fé.

Na vida adulta, o serviço ao próximo a exemplo de Cristo, e o desejo de eternidade, de união com Deus, foram uma constante. O sentido da centralidade do Mistério Pascal sensibilizou as suas amizades, que floresceram em relações espirituais recíprocas, baseada num ideal comum, por exemplo, a sua amizade com Rebecca Seton (a sua cunhada), Antônio e Filippo Filicchi (os seus benfeitores) ou Simon Bruté (o seu último diretor espiritual).

Durante os seus 46 anos na terra, Elizabeth sempre se considerou uma peregrina no caminho da vida, olhando cada dia com os olhos da fé e procurando a eternidade. As suas filhas espirituais guardam a sua memória, mantêm vivo o seu legado e a honram como uma santa. A semente de mostarda que ela plantou há mais de 200 anos deu frutos. Atualmente, a Companhia das Filhas da Caridade tem duas Províncias na América do Norte, ambas fazendo parte da Federação das Irmãs da Caridade: estas Congregações de 2.500 Irmãs servem em várias obras de caridade em 26 países. O Santuário Nacional de Santa Elizabeth Ann Seton acolhe os visitantes, pessoalmente e online <https://setonshrine.org/>

Elizabeth Ann Bayley Seton, esta mulher vicentina de tão grande importância no passado, é uma santa para hoje, uma "cidadã do mundo"⁵⁸. Santa Elizabeth Ann Seton convida-nos a confiar em Deus com todo o nosso coração. Ela viveu a insegurança com coragem e grande confiança na Providência. Ela é um exemplo para os outros e intercede por todos aqueles que estão "*empenhados em trabalhar socialmente para mudar as estruturas injustas que criam a pobreza*"⁵⁹. Guiada pelas luzes da fé e

⁵⁸ Carta 7.103, Elizabeth Seton ao Padre Simon Bruté, 1 de agosto de 1817, Tomo II, 494.

⁵⁹ *Constituições das Filhas da Caridade* (2004), C. 24e.

enraizada na esperança, Santa Elizabeth Ann Seton respondeu ao apelo de Deus, cumpriu a sua missão e enriqueceu a Igreja com o seu legado de caridade. De acordo com a sua expressão: *“por um lado a fé eleva o espírito e, por outro, a esperança o sustenta, a experiência diz que assim deve ser; e o amor diz: ‘Que assim seja’”*⁶⁰.

QUESTÕES⁶¹

1. O serviço de Deus consiste no exercício da fé, da esperança e da caridade. Oferecemos a Deus o serviço da fé, aplicando-nos no cumprimento das nossas obrigações espirituais? Confiamos na Sua graça e na Sua ajuda nas nossas necessidades espirituais e temporais?
2. Servimos a Deus com esperança? Será que mantemos o nosso olhar fixo em suas promessas? Confiamos no seu amor? Será que procuramos o seu Reino e deixamos que Deus cuide do resto?
3. A nossa caridade se estende a todos? Amamos como Jesus? Será que o nosso coração lhe pertence totalmente? Estamos tão intimamente unidas a Ele a ponto de lhe consagrar a nossa vida, a nossa alma e o nosso corpo?

Irmã Betty ANN McNEIL, FC
Filha da Caridade

⁶⁰ Carta 6.30, Elizabeth Seton à Julia Scott, 26 de março de 1810, Tomo II, p. 117.

⁶¹ Ver Documento 9.15, “As Irmãs da Caridade meditam sobre o serviço prestado a Deus”, Tomo IIIa, p. 331-2.

Luísa de Marillac e São José

Na Carta apostólica *Patris corde*, o Papa Francisco quis partilhar suas “reflexões pessoais sobre esta figura extraordinária, tão próxima da condição humana de cada um de nós”¹. O seu testemunho desperta nos cristãos e em outras pessoas de boa vontade o desejo de estabelecer uma relação mais íntima com São José, que lhes permita conhecê-lo melhor e amá-lo mais intensamente, a fim de procurar imitar a sua vida e implorar a sua intercessão. Para nós, esta Carta apostólica suscita também o desejo de conhecer qual a relação que Luísa de Marillac poderia ter tido com São José.

1. *Uma figura evangélica que sai pouco a pouco das sombras*

A ideia que temos de São José e o seu significado na nossa vida quotidiana provém de um longo processo de reflexão. Lenta, progressivamente, a figura do “esposo de Maria, de quem Jesus nasceu”, assume o seu lugar no decorrer dos séculos. Os Evangelhos de Mateus e de Lucas deixam para a posteridade um retrato admirável, conciso e eloquente deste homem bom e enigmático. Com características simples, eles reconstituem o seu perfil. *Descendente de Davi, vive em Nazaré e trabalha como carpinteiro. Homem justo, humilde e virtuoso, respeitava a lei e tinha grande confiança em Yahvé. Com um coração pobre, ele espera com fervor ver o Reino de Deus acontecer. Homem de coração contemplativo maravilhava-se diante do mistério, daí o seu silêncio e seu admirável consentimento. Ele se casou com Maria e, antes de viverem juntos, ela ficou grávida pela ação do Espírito Santo. Ele não queria denunciá-la publicamente, e decide mandá-la embora, em segredo. Obedecendo ao anjo que lhe falou em sonho, levou a esposa para sua casa e, quando a criança nasceu, deu-lhe o nome de Jesus. Maria o designa como o pai desta criança, assim como a sua família e vizinhos. A partir deste momento, ele vive para*

¹ Carta apostólica *Patris Corde* por ocasião do 1500 aniversário da declaração de São José como padroeiro universal da Igreja. Introdução.

cuidar, proteger, ajudar *o menino* e sua mãe e a contemplar o mistério que os envolve². De acordo com os evangelistas, esta é a missão única e sublime desta pessoa silenciosa, indispensável para conhecer e transmitir a verdadeira origem de Jesus, a sua verdadeira identidade e a da sua mãe, Maria.

Na França, a veneração da Igreja no século XVII brotou desta fonte que crescerá progressivamente. As Igrejas do Oriente, mais próximas dos testemunhos das pessoas que viveram com José de Nazaré, transmitiram as suas recordações e mantiveram viva a memória do esposo de Maria. No século IV, alguns Padres da Igreja partilharam em suas homilias as reflexões resultantes da sua meditação dos textos evangélicos sobre José³. Na Alta Idade Média, foi publicada em várias traduções *a História de José, o Carpinteiro*⁴ o que testemunhou uma devoção simples, afetuosa e viva dos fiéis na Síria e em Constantinopla. Nessa época, não era atribuído ao esposo de Maria a qualidade de "santo" e a sua figura não era popular. Mas o brilho tênue e frágil de sua presença não se desvanece. Entre os místicos, alguns ecoam a grandeza do *Carpinteiro de Nazaré*.

No início do século XII, na França, surgiram sinais de interesse pela pessoa de José.

Bernardo de Claraval (1090-1153), amante de Jesus Cristo e da Virgem Maria, grande místico e incansável pregador, apresentou uma síntese de reflexões passadas e atuais, sobre o pai adotivo de Jesus e assim começa a grande corrente de devoção a José.

No tempo do santo rei **Luís IX** (1214-1270), ao retornar da sétima cruzada (1254), Jean de Joinville trouxe consigo a relíquia do *Cinto de José, o Carpinteiro*⁵. Para preservá-la e expô-la à veneração dos fiéis, ele mandou construir uma Igreja em Joinville e desejou ser enterrado lá com esta relíquia. *O Cinto de José* tornou-se um suporte para a corrente de devoção que começou a se desenvolver na França e que levou ao nascimento de um culto

² Cf. Mt 1. 2. 13, 55-56; Lc 1. 2.; Jo 12, 46.

³ No Oriente, São João Crisóstomo fala de São José nas suas homilias em São Mateus e Santo Efrém em seus Sermões sobre o Nascimento do Salvador; no Ocidente, São Jerônimo expõe sua doutrina em *Adversus Hervidium de Mariae Virginitate perpetua* e no Comentário sobre São Mateus e Santo Agostinho nos Sermões.

⁴ A história de José, o carpinteiro é um texto apócrifo do Novo Testamento que mostra a piedade popular das origens. Neste texto, Cristo narra a vida e a morte de José. Esta é a fonte de leituras para a festa do santo, em 26 de abril. Do Oriente ao Ocidente se passam diferentes traduções até a difusão de um resumo por volta de 1340 feito pelo dominicano Isidoro de Isolani.

⁵ Ver: <https://www.fondation-patrimoine.org/les-projets/ceinture-de-saint-joseph-chapelle-saint-joseph-notre-dame-de-joinville>

ao santo. As qualidades, virtudes e graças dadas a José foram proclamadas em pregações e publicadas em livros. Por que não pedir a intercessão de São José, já que ele teve um papel tão decisivo e importante na história da salvação?

Na França, entre os séculos XIV e XV, nasceu um forte desejo de incluir no calendário litúrgico uma festa em honra ao esposo de Maria e foi o chanceler da Universidade de Paris, **Jean de Gerson** (1363-1429), um profundo teólogo, um grande místico e um ardente apóstolo, que pediu isso ao Santo Padre. Ao redor de Jean de Gerson e seu mestre, **Pierre d'Ailly** (1350-1420), apareceu um grupo de pessoas para defender a devoção a São José. Com grande zelo, eles propagaram esta devoção e culto que contribuiu para melhorar de maneira decisiva a teologia do santo⁶.

No final do século XV, o Papa Sisto IV (1414-1484) introduziu oficialmente o culto a São José na Igreja, generalizando a celebração da festa em 19 de março, como aparece no Breviário Romano publicado em 1479, embora não seja obrigatório em todos os países.

Na segunda metade do século XVI, começa na França uma guerra de religião entre católicos e protestantes a fim de obter uma hegemonia na esfera política e religiosa. Durante este tempo, na Itália, o Padre Isidoro de Isolani (dominicano) e, na Espanha, Teresa de Ávila (Teresa de Jesus) deram um impulso decisivo à devoção e ao culto dedicado a São José, e assim aconteceu na França no final da guerra de religião.

2. Popularidade de São José no contexto histórico de Luísa de Marillac (1600 a 1660)

Estudiosos da história da devoção a São José dizem que, na França, o século XVII testemunhou uma ascensão espetacular na piedade a este santo. Quando a paz foi restabelecida com Henrique IV, São José apareceu como um dos santos mais venerados, graças ao impulso da Reforma Católica. Com o nascimento da Escola Francesa apoiada por Luís XIII, surgiu a antiga tendência devocional; as ordens e as congregações religiosas, com base em sua própria tradição, intensificaram a propagação desta devoção e culto. O número de fiéis desejosos de honrar e imitar São José aumentava constantemente. Vejamos o que caracterizava esta devoção em Paris durante os anos de 1600 a 1660.

⁶ Ver: Masson, A.L. “*Jean Gerson, sa vie, son temps, ses oeuvres*” (sua vida, seu tempo, suas obras). Lyon, 1894; GERSON, J. “*Sermo de Nativitate gloriosae V.M. et des commentationes virgine sponsi ejus Joseph*”, (considerações sobre São José). Y AILLY, P. “*Tractatus de duodecim honoribus S. Joseph*”, 1416.

A força deste movimento piedoso veio principalmente das ordens religiosas, de modo particular dos conventos. No território francês surgiram Casas religiosas e Igrejas sob o patrocínio de São José. Desde o início do século, a cidade de Paris, foi se renovando com a construção de novos conventos. As Carmelitas descalças se instalaram em 1602; as Ursulinas e os Jesuítas em 1603; as Capuchinhas em 1604; os Feuillants terminaram a sua Igreja em 1608. Os Jesuítas instalaram seu noviciado em 1610, os Carmelitas descalços chegaram em 1611, ano em que também foi fundado os Dominicanos do grande convento; em 1618, são fundadas as Augustinianas des Madelonnettes; as Filhas do Calvário em 1620; as Beneditinas do Val-de-grâce em 1621; as Anunciadas Celeste em 1622; as Visitandinas e as Feuillantines em 1623; les Récollettes em 1627 e as Filhas da Santa Cruz em 1641. Reina nestas Casas religiosas o entusiasmo da juventude e a novidade, o fervor de uma religiosidade intensa promovida pela Reforma Católica e o zelo para construir uma Igreja mais viva e comprometida. Com o tempo surgiu, desta realidade, a força da devoção da qual falamos, especialmente a paixão herdada pelas tradições religiosas e monásticas: a das Carmelitas descalças, de Teresa de Ávila, dos Beneditinos, dos Dominicanos, dos Feuillants, dos Franciscanos, dos Capuchinhos, dos Jesuítas, etc. Os conventos tornaram-se centros de devoção e culto a São José, os pregadores divulgavam a sua grandeza e as suas virtudes e incentivavam as pessoas a imitar e a pedir a sua intercessão. Em 1621, foi recebida com grande alegria a declaração do Papa Gregório XV de que o dia 19 de março seria um dia de festa obrigatória na Igreja. Em 13 de março de 1661, Luís XIV declarou este dia um feriado em toda a França.

Na primeira metade do século XVII, comenta-se que a França era o país da Europa no qual eram editados mais livros sobre São José. Para torná-lo conhecido, foram publicadas obras traduzidas para o francês de autores espanhóis e alemães. Em 1604, "*A imagem da castidade na vida e na ação de São José, esposo da Virgem Maria*", do escritor franciscano, Andrés de Soto⁷; Em 1619, "*A grandeza e excelência do glorioso São José*" do Carmelita, Jerônimo Gracián de la Madre de Dios⁸; Em 1620, foi publicada a "*História e Vida de São José*" do beneditino, Karl Stengel⁹; outras obras escritas por

⁷ Publicado inicialmente em espanhol, em Valladolid, em 1593, com o título *Vida y excelencias del bienaventurado San Joseph, esposo de la Virgen sanctissima Nuestra Señora* [Vida e excelências do bem-aventurado São José esposo da Santíssima Virgem Maria, Nossa Senhora].

⁸ Publicado inicialmente em espanhol, em 1605, em Toledo, com o título *Sumario de las excelencias del glorioso San Joseph esposo de la Virgen Maria* [Resumo das excelências do glorioso São José, esposo da Virgem Maria]

⁹ Publicado inicialmente em latim, em 1616, com o título *Josephus, hoc est sanctissimi educatoris Christi, Dom. Deique nostri in terris apparentis, ac aeternae Virginis Mariae sponsi vitae historia, compendio quantum potuit adumbrata, ex fide dignioribus auctoribus collecta.*

escritores franceses¹⁰ foram publicadas em várias traduções e edições. Elas foram escritas no vernáculo para que um maior número possível de pessoas, especialmente leigos, pudessem lê-las. O ritmo dessas publicações foi rápido, como se fosse para atender à crescente demanda dos leitores.

Nos séculos anteriores, já existiam as confrarias dedicadas a São José para os carpinteiros e trabalhadores de construção. No século XVII, elas começaram a acolher também pessoas que desejavam viver a sua vida cristã com mais compromisso. No início, foram estabelecidas nos conventos e depois se espalharam por todas as paróquias da França. Durante as missões que pregavam, os Jesuítas criaram essas confrarias e depois todas as ordens religiosas quiseram ter confrarias vinculadas ao seu convento. O Jesuíta Jean Jacquinet afirmava: *"há poucas cidades na França onde não tenham, neste momento, erigido [confrarias de São José] pela autoridade dos Bispos, e mesmo com a aprovação do Sumo Pontífice, que as favoreceu com indulgências e privilégios, a fim de atrair por este meio mais fortemente o povo ao culto e ao serviço deste grande santo"*¹¹. Em Paris, a primeira confraria foi fundada por César de Vendôme no convento dos Feuillants, em 1626. Alguns anos mais tarde, em 1649, a duquesa de Guise conseguiu um fragmento da relíquia do cinto de São José de Joinville para esta confraria.

Na primeira metade do século XVII, esta devoção tornou-se moda em toda a França, embora fosse direcionada para o povo simples e devoto, também conquistou a alta sociedade e até mesmo a Corte. A construção de novos conventos foi financiada pelas famílias nobres que apoiavam com interesse e entusiasmo a espiritualidade das ordens e das congregações que elas ajudavam financeiramente. Estas famílias doaram imóveis, terrenos e pensões para sua subsistência, inclusive incentivavam um de seus filhos ou familiares para entrar no convento e participar de iniciativas devocionais e de culto. A família real cultivava esta devoção de uma maneira particular. Em 1629, Luís XIII, acompanhado pelo Cardeal Richelieu, foi para Joinville a fim de venerar a relíquia do "Cinto de São José". No mesmo ano, a Rainha Ana da Áustria aderiu à Confraria do Convento dos Feuillants. Em 1654, Luís XIV

¹⁰ Em 1629, *Tableau des qualités éminentes de Saint Joseph*, (Relato das eminentes virtudes de São José), do Feuillant Charles de Saint-Paul. Em 1631, *Dévotion de Saint Joseph* (Devoção a São José), também do Feuillant Pierre de Sainte-Marie. Em 1634, *Tableau des divines faveurs faites à saint Joseph* (Relato dos divinos favores feitos a São José), do jesuíta Etienne Binet. Em 1639 « *La dévotion à Saint Joseph* » (A devoção a São José) do Jesuíta Paul de Barry. Em 1644, « *La Gloire de saint Joseph* » (A glória de São José) do também Jesuíta Jean Jacquinet. Em 1645, « *Le trésor inestimable de saint Joseph* » (O tesouro inestimável de São José) do carmelita Antoine de la Mère de Dieu. E em 1657, « *Les grandeurs de saint Joseph* », (As grandezas de São José) do Oratoriano Jean-Jacques Olier.

¹¹ Jacquinet Jean, *La gloire de saint Joseph (A glória de São José)*, Dijon, em Pierre Palliot, 1644, p. 732.

fez o mesmo e, após seu casamento em 1660, foi a vez de sua esposa, Maria Teresa da Áustria. Em 1638, Luís XIII consagrou a França à Virgem Maria e, no sábado 19 de março de 1661, na capela do Louvre, Luís XIV consagrou a França a São José.

A propagação da devoção e do culto a São José, em fidelidade ao espírito da reforma da Igreja Católica, teve como finalidade orientar a piedade dos fiéis para os mistérios da fé. Nos ensinamentos dos Papas e dos espiritualistas medievais, José foi apresentado como uma figura necessária no mistério da Encarnação. É o santo que viveu uma grande intimidade com Jesus, ele é um modelo de vida simples e cotidiana, um mestre de oração através do seu silêncio e contemplação do mistério, um exemplo de humildade e vida oculta. Dada a autoridade que ele exerceu sobre o menino Jesus, ele é o canal pelo qual as graças e o auxílio chegam até nós. Aqueles que entravam em uma dessas confrarias eram convidados a ter São José como patrono, defensor e modelo e a fazer um voto anual, que se renovava no dia 19 de março. Os propagadores desta devoção estimulavam os fiéis a adquirir um estilo de vida em consonância com o da Sagrada Família de Nazaré, assumindo as qualidades do chefe de família e encorajando uma vida de oração que, dependendo do progresso da vida espiritual, vai desde a simples oração de intercessão e o conhecimento da vida de São José, até a oração contemplativa. Os devotos são convidados a rezar diante de uma imagem, um quadro ou uma estátua do santo; muitos carregavam consigo uma estatueta para lembrar sua presença, no decorrer do dia, e para favorecer a oração contínua¹². No final do século, se estabeleceu com vigor o atributo a São José de "patrono da boa morte".

Entre as pessoas, próximas de Vicente de Paulo e Luísa de Marillac que propagaram a devoção e o culto a São José, encontrava-se **Pierre de Berulle**. Em seus escritos, ele mostra o amor de José por Jesus e dedica muitas páginas que apresentam a natureza exemplar da infância de Jesus. Sua relação com as Carmelitas e, especialmente, com Ana de São José, o levou a ser um grande propagador da devoção a São José.

Francisco de Sales foi também considerado como um dos principais propagadores da devoção a São José. Paul de Barry o coloca em quinto lugar entre as "*dez pessoas que mais amaram São José e que deram um belo exemplo de estima e devoção*", depois do próprio Jesus Cristo, da Virgem Maria, de

¹² Paul de Barry no seu livro: *A devoção a São José*, citado anteriormente, reforça esta prática com o exemplo de Teresa de Jesus que levava uma imagem de São José em suas viagens de fundação dos mosteiros. Tinha também o jesuíta que acompanhava Francisco de Sales nos seus últimos momentos, abrindo seu breviário, ele encontrou em suas páginas uma imagem de São José.

Teresa de Ávila e Gaspard Bono (de Valência)¹³. Ele falou de São José na “*Introdução à vida devota*” e no “*Tratado do amor de Deus*” e escreveu “*Les vrais Entretiens spirituels*” (Os verdadeiros diálogos espirituais) relativos a São José. Ele se referiu também a São José em uma carta dirigida a João Pedro Camus e em duas outras enviadas a Joana Francisca Fremiot de Chantal, porém, os sermões mais influentes que ele pronunciou sobre São José foram em 1612, 1614, 1621 e 1622.

Joana Francisca Fremiot de Chantal, fundadora das Irmãs da Visitação, tentou infundir em suas Irmãs a devoção a São José. Nos conventos, a festa do dia 19 de março era solenizada: missa com incenso, ofício solene com primeira e segunda vésperas, canto do Magnificat, o Te Deum no ofício matinal e, quando possível, pregação e procissão¹⁴. Ela consagrou o mosteiro de Anney a São José, rezava todos os dias diante de um quadro do santo e conservava uma estampa da Sagrada Família em seu livro de Regras.

Jacques Bénigne Bossuet escreveu sermões sobre São José que, ainda hoje, são considerados como os textos mais completos e bonitos. No dia 19 de março de 1661, no início da tarde, após a consagração da França a São José, ele celebrou no Louvre, na presença de Ana da Áustria, as glórias do novo “protetor do país”.

3. São José nos escritos de Santa Luísa de Marillac

Ainda criança, Luísa começou a conhecer São José quando estava no mosteiro real de Poissy. Lá, ela escutou as primeiras lições da história sagrada, contadas por suas professoras, entre as quais as relativas ao nascimento de Cristo e cenas de sua infância onde José estava sempre com Jesus e Maria. As religiosas, sem dúvida, preservaram os ensinamentos da Família dominicana e, no mosteiro, a presença de São José era evidente¹⁵. O convento, por sua vez, possuía um rico patrimônio de esculturas, imagens e pinturas que decoravam as paredes e outros recantos escolhidos para

¹³ Barry, P. La dévotion à saint Joseph, (A devoção à São José) Lyon, 1639, p. 77.

¹⁴ Diretório para o ofício em Coutumier (consuetudinário) e Diretório para as Irmãs Religiosas da Visitação de Santa Maria. Paris, 1637.

¹⁵ Os dominicanos Santo Alberto Magno, na sua obra *Mariale*, também chamada *Questiones super Missus est*; São Tomás de Aquino no seu *Comentário de São Mateus e Catena Áurea sobre o Evangelho de São Mateus*, e São Tiago de Vorágina na sua Lenda Dourada, ao relatar a Anunciação e o Nascimento de Jesus Cristo, no século XIII, escreveram os seus pensamentos sobre São José, embora não desenvolveram uma devoção propriamente dita. Foi Isidoro de Isolani, durante o século XVI, que deu um maior impulso a esta devoção nas Ordens Dominicanas e, em geral, na Igreja na Europa.

esta finalidade, mostrando cenas evangélicas. Se, como diz Dominique Poinset¹⁶, Luísa de Marillac aprendeu a caridade contemplando São Luís servindo os pobres, certamente, ela notou as imagens que representavam o Santo rei em adoração diante do menino Jesus ou cheio desta devoção a São José que o inflamou após a sétima cruzada.

No momento em que a popularidade de São José estava aumentando, por volta de 1604, Luísa chegou a Paris, na casa da devota senhora, e se abriu ao universo espiritual que reinava naquela época na cidade.

Os biógrafos afirmam que Luísa frequentou entre o tempo do Advento e Pentecostes, o novo convento das Irmãs capuchinhas, instalado no distrito de Saint-Honoré em Paris, onde compartilhou com as religiosas o que as regras lhe permitiam¹⁷. Eles diziam, também, que ela "*frequentava as casas religiosas, que atraíam os fiéis pela novidade e pelo fervor*"¹⁸ e "*ouviu os pregadores jesuítas e capuchinhos*". É possível que ela "*tenha recebido a influência dos monges*"¹⁹ também em seu desejo de viver esta devoção dedicada a São José. Parece mesmo que, no mosteiro das Carmelitas da rue Chapon, fundado há pouco tempo e muito próximo de sua casa, quando morava na rue Courteau-Vilain²⁰, ela fez um retiro em 1625, guiada pelo oratoriano Padre Ménard ou pela priora da época, Madeleine de São José, uma mulher próxima de Pierre de Bérulle, ambos grandes promotores da devoção a São José. Entretanto, nenhuma evidência veio à tona de que Luísa estivesse envolvida nesta devoção antes da morte de seu marido.

Quando falamos de "devoção", estamos nos referindo a um profundo sentimento de respeito e admiração por um santo, por suas virtudes e pela exemplaridade de sua vida. Quando um santo desperta a devoção em uma pessoa, surge o desejo de imitá-lo e implorar sua ajuda para receber, por sua intercessão, as graças necessárias. Geralmente, a devoção a um santo favorece

¹⁶ POINSENET, D. *De l'anxiété à la sainteté: Louise de Marillac*, (Da ansiedade à santidade: Luísa de Marillac) Editora: Arthème Fayard, 1958.

¹⁷ POINSENET, D. *De l'anxiété à la sainteté: Louise de Marillac*, (Da ansiedade à santidade: Luísa de Marillac) Editado: Arthème Fayard, 1958; CALVET, J. *Santa Luísa de Marillac, Auto-retrato, editora, Evangelizare, 1958*; CHARPY, E. *Contra ventos e Marés. Luísa de Marillac, Província do Rio de Janeiro*, 1990, p. 11.

¹⁸ CALVET, J. *Santa Luísa de Marillac, Auto-retrato, editora, Evangelizare, 1958* p. 29.

¹⁹ MARTINEZ BETANZOS, B. "*Luísa de Marillac. Empeñada en un paraíso para los pobres*" [Luísa de Marillac. Comprometida com um paraíso para os pobres]. Edição CEME, Salamanca, 1995. p. 41.

²⁰ MARTINEZ BETANZOS, B. "*Luísa de Marillac. Empeñada en un paraíso para los pobres*" [Luísa de Marillac. Comprometida com um paraíso para os pobres]. Edição CEME, Salamanca, 1995. p. 43.

um relacionamento com Deus e desenvolve uma verdadeira vida espiritual. Neste sentido, São José deve ter sido para Luísa um interlocutor relativamente comum com quem ela queria estabelecer uma relação de admiração e de afeto, o centro de atenção em muitos momentos de oração, uma pessoa a quem ela poderia dirigir a sua súplica desejando imitá-lo.

Para conhecer sua relação com São José, temos que esmiuçar os seus escritos, pois, durante os 69 anos de sua vida, as alusões ao santo são escassas e longínquas. A figura de São José aparece em apenas quatro ocasiões:

1 - No pequeno catecismo que escreveu em 1630 para seu uso pessoal, quando visitou as Confrarias da Caridade, ou para o uso das professoras que visitou e a quem confiou a direção das escolas nos vilarejos, ou ainda, pouco tempo depois, para as primeiras Filhas da Caridade que dirigiam as escolas nas diversas fundações, ela apresenta a figura de Jesus Cristo e define a identidade de São José como o esposo de Maria, indicando apenas que ele *"lhe foi dado para dirigi-la, permanecendo sempre virgem"*²¹.

2 - Por volta de 1633, ela fez um retiro, provavelmente de três dias, em um final de semana, entre o tempo do Advento e Natal,²². A meditação do sábado teve por tema de oração o evento da morte. No domingo, ela se concentra no mistério da encarnação do verbo, tendo como base o cenário do nascimento; na primeira meditação da segunda-feira, *"a vida de Nosso Senhor dos 12 aos 30 anos"*. Ela considera *"a santa vida oculta de Jesus na terra"* e destaca que Ele escolheu *"a santa pobreza e a obediência que O mantinha submisso à Santíssima Virgem e a São José"*. Durante a meditação aflorou o permanente desejo de imitar Jesus Cristo que habita em seu coração. Ela se sente impulsionada a *"consagrar o resto dos [seus] dias a honrar"* sua vida oculta.

3 - No ano de 1659, foram conservadas duas cartas de Luísa endereçadas a Ana Hardemont em Ussel. As Irmãs haviam chegado a Ussel em maio de 1658. Um ano e meio depois, o serviço dos pobres ainda não estava definido, e ela conhece o sofrimento de Ana. Em sua primeira carta²³, Luísa, em vez de convidá-la à generosidade, a qual acreditava não precisar, a encorajou a pedir a Deus a *"graça suficiente para levar-vos a honrar o não fazer do Filho de Deus, que enquanto esteve na terra, não trabalhou sempre com toda a*

²¹ SL, E. 29, p. 824

²² SL, E. 23, p. 812.

²³ SL, C. 704, p. 743

extensão de seu poder”²⁴. Em uma segunda carta²⁵, Luísa tenta convencê-la de que está honrando "o estado do Filho de Deus, quando, ao sair do templo onde trabalhava pela glória do seu Pai, acompanhou a Santíssima Virgem e São José para obedecer-lhes e, por esse meio, cumprir a vontade de Deus durante tantos anos, num ofício tão abjeto como o de trabalhar na carpintaria. Ele que viera à terra para realizar a salvação de todos os homens".

Constatamos que, em todos esses documentos, a ênfase foi dada a Jesus. José estava nos bastidores, acompanhando a cena; no primeiro texto, como *esposo de Maria*, no segundo, como chefe da família, a quem Jesus se submetia; enfim, como ela explica em suas duas cartas, como dono da casa onde o jovem Jesus vivia, obedecia e trabalhava despretensiosamente na carpintaria.

Por volta de 1633, em uma carta, Vicente de Paulo pede a Santa Luísa: *“não ir hoje...aos pobres e assim [ela honraria] o não-fazer do Filho de Deus, e o de São José, o qual, tendo o poder do céu e da terra sob sua conduta e sob seu poder, quis, entretanto, parecer destituído de poder”*²⁶. Nas suas meditações, Luísa contemplava o não-fazer de Jesus Cristo e a sua vida oculta em Nazaré, extraída dos Evangelhos da infância como parte do mistério da Encarnação. Na formação que as Irmãs recebiam, quando se reuniam em conferência com Vicente e Luísa, surge várias vezes a imagem evangélica de José de Nazaré. Exceto numa ocasião em que uma Irmã propõe a imitação de Jesus Cristo, de Maria e de São José *"que trabalharam durante toda a sua vida"*²⁷, as outras alusões dizem respeito a temas como:

- **Honrar e imitar a “submissão” de Jesus Cristo a Virgem Maria e a São José para motivar a obediência**²⁸.

- Manter um **estilo de vida laborioso e pobre**, como teve Jesus Cristo quando viveu com São José, depressível aos olhos do mundo o que inclui a necessidade de ganhar a vida²⁹.

²⁴ Este mesmo tema da imitação e submissão de Jesus Cristo a São José, Vicente de Paulo abordou na conferência de 31 de julho de 1634 e na conferência 22 sobre a reconciliação. A conferência 45, 47 e 81. E na carta 707 de Santa Luísa de Marillac.

²⁵ SL, C. 707, p. 745

²⁶ SV I, 170

²⁷ SV, conf. de 28 de dezembro de 1649, p. 316

²⁸ SV, conf. de 31 de julho de 1634, p. 5; de 5 de julho de 1640, p. 10; de junho de 1642, p. 45; de 7 de agosto de 1650, p. 346; de 23 de maio de 1655, p. 521; de 17 de junho de 1657, p. 646; de 13 de outubro de 1658, p. 824.

²⁹ SV, conf. de 11 de dezembro de 1644, p. 111-112; de 28 de julho de 1648, p. 285-286; de 28 de dezembro de 1649, p. 317-318; de 19 de julho de 1640, p. 14; de 18 de outubro de 1655, p.543.

- Estabelecer "**uma relação cordial**" entre as Irmãs como aquela que existia entre "Jesus Cristo, sua Mãe e São José"³⁰.

- Consagrar tempo a "**oração**" como **Jesus Cristo** que se distanciava de Maria e José para rezar³¹.

Estes textos nos revelam a representação que Santa Luísa tinha de São José, primeiro aquela que ela recebeu durante a sua infância, depois aquela enriquecida pela leitura de livros de piedade e pelos ensinamentos dos pregadores e, sobretudo, pelo que ela meditou a partir dos Evangelhos. O plano que ela seguiu durante seus retiros foi inspirado por São Francisco de Sales, Gerson e o Novo Testamento³². É lógico que, de certa forma, esta imagem tem algumas características da devoção que prevalecia naquela época. Mas, o seu olhar para São José era extremamente simples e não se afastava dos Evangelhos da infância de Jesus.

Quando Luísa morreu, Vicente, que a conhecia bem, disse com simplicidade e segurança: *"Ela estava fazendo o que disse São Paulo: 'Não sou eu quem vive, é Jesus quem vive em mim?'. 'Tinha grande preocupação em se parecer com o seu Mestre pela imitação das suas virtudes'"*³³.

Esta centralidade em Jesus Cristo, que eu diria ser absoluta, marcou a sua existência, pelo menos depois da morte de seu marido, quando ela decidiu reestruturar seu estilo de vida, assegurando que tudo em seu ambiente pudesse ajudá-la a atingir seu único objetivo, que ela define da seguinte forma: *"Esteja sempre em meu coração o desejo da santa pobreza, para que, livre de tudo, possa seguir Jesus Cristo e servir meu próximo com toda humildade e mansidão, vivendo em obediência e castidade toda a minha vida, honrando a pobreza de Jesus Cristo por Ele vivida com tanta perfeição"*³⁴. Ela escreveu isto por volta de 1626, quando a devoção a São José estava no auge em Paris; nesse mesmo ano, foi fundada a confraria da Ordem dos Feuillants. Neste documento em que Luísa definiu este estilo de vida, ela escreveu mais adiante com naturalidade: *"Terei, pois, particular devoção à Santíssima Virgem, ao Anjo de minha Guarda, aos santos Apóstolos, com o desejo de imitar sua vida enquanto me seja possível, por haverem sido eles imitadores de Nosso Senhor"*³⁵. Não existe nenhuma alusão a São José. Isto expressa a principal

³⁰ SV, conf. de 1 de janeiro de 1644, p. 96 e 98

³¹ SV, conf. de 31 de maio de 1648, p. 272

³² SL, C. 69, p. 85; E.15, p. 798; E. 65, p. 896 e 897

³³ SV, conf. de 24 de junho de 1660, p. 920

³⁴ SL, E. 7, p. 786

³⁵ SL, E. 7, p. 787

orientação de sua vida, que é uma força motriz por trás de sua espiritualidade original e a influência que ela exerceu, através das Filhas da Caridade, na sociedade francesa.

CONCLUSÃO

Uma mulher centrada e ancorada em uma espiritualidade evangélica

Podemos nos perguntar se, no contexto espiritual do século XVII em Paris, São José tinha um lugar especial. Por que não há menção da devoção de Luísa de Marillac a São José nas suas biografias ou em seus escritos? Eu respondo com uma hipótese.

De fato, após a morte de seu marido, a vida de Luísa tomou uma direção diferente. Ela sentiu a necessidade de se abrir a outros horizontes, impulsionada pela força da experiência de Pentecoste em 1623 e acompanhada por seu novo diretor, Vicente de Paulo. Gradativamente, ela deixou para trás um ambiente de vida estreito, que não a permitia crescer. Ela decidiu romper com este meio: *“Não é muito razoável que eu seja toda de Deus, após haver estado tanto tempo no mundo? Digo-vos, pois... desejo-o de todo o coração e no modo que Ele queira”*, ela dizia à Hilarion Rebours, primo do seu marido, ao informá-lo de sua morte³⁶. E se compromete com um processo de discernimento para descobrir a vontade de Deus sobre ela.

Para expressar claramente a sua ruptura. Ela deixou o bairro de Marais com seus muitos conventos e casas senhoriais onde vivia a alta sociedade. Ela se mudou para o outro lado do rio, na margem esquerda, no bairro de São Victor. Seus parentes, os Marillac, permaneceram no Marais, e ajudaram no desenvolvimento da atmosfera que ali se respirava, com suas conotações sociais, espirituais e religiosas³⁷. Ela escolheu um bairro mais modesto, em consonância com a sua nova escala de valores e seu desejo de viver a pobreza do Evangelho, mas também para estar mais perto da casa de Vicente de

³⁶ SL, C. 2, p. 16-17

³⁷ Seu tio Miguel participou ativamente da entrada dos Carmelitas em Paris, o seu filho Miguel professou nos Capuchinhos; a sua tia Valência tinha um filho jesuíta, dois Carmelitas e outro Mínimo; os seus tios Luís e Catarina, eram tão próximos dos Feuillants que, quando ele morreu, foi enterrado na Igreja conventual onde tinha um mausoléu.

Paulo. O estilo de vida apostólico que ele refletia a atrai fortemente. Nela, amadurece outro tipo de relação com Deus; começa a seguir um caminho espiritual diferente. A parte essencial de sua vida cristã era experimentar mais a Deus e discernir interiormente a ação do Espírito. Sua missão ia evoluindo no sentido de acompanhar, formar e animar as jovens no serviço de caridade. O Evangelho, que é a fonte inspiradora de sua nova forma de vida, percorre sua personalidade. Progressivamente, o Espírito Santo³⁸ se imprime em sua alma, em sua memória (guardando em seu coração a lembrança das leituras de sua oração), na profundidade de sua inteligência e de sua vontade de praticar as máximas de Jesus Cristo com fervor e afeição³⁹.

Nos bairros de Saint-Germain-des-Prés e Saint-Jacques, novos conventos foram construídos, mas suas propostas não estavam mais entre os principais interesses de Luísa.

Curiosamente, em maio de 1629, no mesmo ano em que Luís XIII e Richelieu partiram em peregrinação a Joinville para venerar a relíquia do Cinto de São José, Luísa iniciou um itinerário diferente que a atraiu e a levou a visitar as Confrarias de Caridade fundadas nos vilarejos por Vicente de Paulo e seus companheiros. A partir daquele momento, pertencer ou não a outra confraria não tinha mais nenhum sentido ou interesse. A Confraria da Caridade tem por patrono Jesus Cristo que ela decide “*seguir-lo abertamente, sem nenhuma preferência, mas sentindo consolo em reconhecer-se tão feliz de ser aceita por Jesus a fim de viver toda [sua] vida em seguimento d’Ele*”⁴⁰, isto lhe permitiu “*servir [seu] próximo com toda humildade e mansidão*”, primeira tarefa de sua vida.

A partir de 1633, quando fez o voto de formar as jovens que se uniram a ela para servir a Jesus Cristo nos pobres das Confrarias, ela foi obrigada a especificar a identidade deste grupo, que logo seria reconhecido com o nome de “Confraria das Servas dos Pobres da Caridade⁴¹”, a fim de enfatizar seu caráter secular e diferenciá-lo de outras identidades. Para preservar a finalidade a qual Deus havia fundado esta confraria deveria ser prudente e manter sua independência em relação aos bispos e párocos. Estas instruções foram dadas às Irmãs enviadas a Angers e Nantes, caso o bispo lhes perguntasse quem eram e o que faziam.

³⁸ SL, E. 23, p. 811

³⁹ SL, E. 98, p. 937

⁴⁰ Cf. SL, E. 22, p. 808

⁴¹ Este é o nome com que as primeiras Irmãs foram aprovadas, em 1646, por J.F. Paul de Gondî, então Coadjutor do seu tio Jean François de Gondî. Em 1655, foi aprovada com o mesmo nome e por J.F. Paul de Gondî quando já era o Cardeal de Retz e Arcebispo de Paris.

Luísa de Marillac se identificou como uma mulher devota, em consonância com a sua época, com suas devoções pessoais vividas de acordo com Vicente, às quais devem ser acrescentadas as que compartilhou com suas Irmãs. Jean Calvet atesta que ela fez parte de nove ou dez confrarias⁴², das quais seis são citadas em seu testamento: “*em São Nicolau de Chardonnet, na confraria do Santíssimo Sacramento; nos dominicanos da rua São Tiago, na das Cinco Chagas de Nosso Senhor; nos franciscanos do Convento Grande, na do Cordão de São Francisco; nos agostinianos do bairro São Germano, na do cinturão de Santa Mônica e em São Lourenço, como associada da Companhia do Santíssimo Sacramento*”⁴³. Todas estas Confrarias eram dedicadas a Jesus Cristo ou à Virgem Maria, exceto a do Cordão de São Francisco, que ela guardou para manter sua escolha de pobreza, e a do Cinturão de Santa Mônica para sustentá-la em suas preocupações e sofrimentos por seu filho. Embora considerasse uma “honra ser recebida” por essas confrarias, aos seus 54 anos, Luísa reconhecia “*ter faltado tanto às devoções*” que elas recomendavam. Os costumes da época, a espiritualidade que reinava na sociedade, a teria conduzido a aderir a estas confrarias, porém, elas não tinham a mesma força de atração que possuía a novidade do seu projeto de Caridade, que, segundo as suas convicções, “... *era Deus*” que o tinha inspirado⁴⁴.

Além dos atos de piedade que podemos considerar “oficiais”, que realizava com interesse e recomendava as suas Filhas, como a veneração à Virgem Maria, aos Anjos e aos Apóstolos, cultivava também uma grande devoção à festa de Pentecostes⁴⁵, a São Francisco de Sales⁴⁶, à lei de Deus (aos mandamentos)⁴⁷, ao sinal da Cruz e às Santas Chagas. Ela ensinou estas devoções às Irmãs, através do seu pequeno catecismo⁴⁸. Outras devoções presentes nos seus escritos e colocadas em prática pelas Irmãs, são as que se referem às relíquias de São Maurício de Angers⁴⁹, à intercessão a São Roque, em tempo de peste⁵⁰, à Santa Lágrima de Vendôme, próximo a

⁴² CALVET, J. *Santa Luísa de Marillac, Auto-retrato*, editora, Evangelizare, 1958 p. 55

⁴³ SL, E. 111, p. 962

⁴⁴ SL, E. 3, p.781 “A Luz de Pentecostes”

⁴⁵ SL, E. 7, p. 786; E. 23, p. 811; E. 29, p. 822; E. 25, p. 814; E. 62, p. 893; E. 91, p. 923

⁴⁶ SL, E. 3, p. 781 e E. 15 p. 798

⁴⁷ SL, E.7, p. 786

⁴⁸ SL, E. 29, p. 822 “catecismo”

⁴⁹ SL, C. 267, p. 307

⁵⁰ SL, C. 578, p. 621

Châteaudun⁵¹. E acrescentamos ainda as orações que ela escreveu a São Dionísio e a São Fiácrio⁵².

O fato de não haver referência às confrarias ou devoções a São José, deve ter uma razão. Hoje, pensamos que Vicente de Paulo tinha as suas reservas em relação às devoções, pois dizia: “*não vos sobrecarregueis*”⁵³. No entanto, Luísa e as Irmãs eram livres para manter as devoções que quisessem. Em Angers, uma Irmã desejava pertencer à Confraria de São Francisco. Luísa, sabendo que este desejo “*não se impõe, em nada as suas regras*”, pensa que se esta Irmã a adere, “*isso a obrigaria a sair*”. Luísa considera que “*a Companhia na qual estão, as inclui em todas as outras confrarias*”⁵⁴ e convida as Irmãs a estarem cientes de que, se não colocar o essencial no centro, “*qualquer outra devoção... é mais prejudicial que útil*”⁵⁵.

Luísa de Marillac foi uma mulher devota, no sentido que São Francisco de Sales dava a esta palavra. “*A verdadeira devoção... pressupõe o amor de Deus, ou, melhor, ela mesma é o mais perfeito amor a Deus. Esse amor chama-se graça, porque adereça a nossa alma e a torna bela aos olhos de Deus. Se nos dá força e vigor para praticar o bem, assume o nome de caridade. E, se nos faz praticar o bem frequente, pronta e cuidadosamente, chamam-se devoção e atinge então ao maior grau de perfeição... A devoção não é nada mais do que uma agilidade e viveza espiritual, da qual ou a caridade opera em nós, ou nós mesmos, levados pela caridade, operamos todo o bem de que somos capazes*”⁵⁶. Foi esta forma de devoção que Luísa viveu com toda perfeição.

Ela garante que essas devoções são apenas uma parte secundária do estilo de vida e da espiritualidade, e não diminuem a intensidade e o foco do que é essencial⁵⁷. Os Fundadores desejavam, sobretudo, levar à Igreja a novidade que oferecia aquele “*estilo de vida como espiritual, embora se manifeste em contínuas ações externas que parecem baixas e desprezíveis aos olhos do mundo, mas, são grandes diante de Deus e de seus anjos*”⁵⁸. Eles

⁵¹ SL, C. 650, p. 690

⁵² SL, E. 28, p. 820; E. 58, p. 888

⁵³ SV I, 430

⁵⁴ SL, C. 64, p. 80 e C. 321, p. 363

⁵⁵ SL, E. 90, p. 923

⁵⁶ São Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, parte I, Cap. I. p. 23 - traduzido por Frei João José P. de Castro. O.F.M VIII Edição, 1958, Editora Vozes Limitada, Petrópolis, RJ.

⁵⁷ SL, C. 64, p. 80; C. 337, p. 277; C. 162, p. 188; C. 503, p. 548; C. 506, p. 551; C. 569, p. 612 e E.90, p. 922

⁵⁸ SL, C. 717, p. 759

queriam transmiti-lo claramente à sociedade, sem nenhum equívoco. Eles escolheram se comprometer em viver o Evangelho e contribuir, pessoalmente e com as jovens servas dos pobres, para a reforma da vida cristã.

No ambiente social e eclesial em que viviam e agiam, eles se sentiam responsáveis por tornar visível o serviço de Cristo nos pobres, realizado com “*devoção, doçura e humildade*”⁵⁹ como sendo a própria essência do ser cristão.

Ao lado de Luísa, Madame Goussault entendeu bem isso, quando, durante uma de suas viagens, ela notou em certos lugares que havia “*muitas devoções, mas o Hospital Geral [onde estavam os pobres] sem visitas e sem ordens*”⁶⁰.

Se não é possível afirmar a devoção de Santa Luísa a São José, podemos, entretanto, encontrar nela as virtudes dos devotos que queriam imitar este santo: um profundo *afeto por Jesus*, cheio de simplicidade, de familiaridade, de ternura e de alegria; *a perseverança na oração contemplativa* diante do mistério; *um amor ao silêncio, à pobreza material e à adesão ao trabalho humilde e simples*, sem ostentação, em tarefas humildes, desprezíveis aos olhos do mundo; *uma submissão e uma obediência pronta e alegre à vontade de Deus*.

Em coerência com Santo Efrém, São Francisco de Sales atribuiu ao justo São José, a metáfora da palmeira do salmo 92 (91), 13. Se suas flores permanecerem escondidas na primavera, ela se eleva gradualmente até o céu, ao mesmo tempo que produz frutos até a sua velhice. Esta metáfora simboliza *a humildade e a vida oculta*, tão desejada por Luísa que pretendia manter-se “*oculta em Deus*”: “*que a pureza de minhas intenções em meus atos me oculte aos olhos do mundo para ser vista somente por Deus e ignorada do mundo*”⁶¹.

Irmã Carmen URRIZBURU
Filha da Caridade

⁵⁹ SL, C. 78, p. 98

⁶⁰ SV I, 214

⁶¹ SL, E. 23, p. 811